UNESP UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara – SP

FELIPE ALEIXO

Estrutura Informacional e Clivagem: análise da veiculação de informação em construções clivadas do português brasileiro contemporâneo escrito

ARARAQUARA – SP
2015

FELIPE ALEIXO

Estrutura Informacional e Clivagem: análise da veiculação de informação em construções clivadas do português brasileiro contemporâneo escrito

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise morfológica, morfossintática, semântica e pragmática

Orientadora: Profa. Dra. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues

ARARAQUARA – SP
2015

Aleixo, Felipe
Estrutura Informacional e Clivagem: análise da veiculação de informação em construções clivadas do português brasileiro contemporâneo escrito / Felipe Aleixo — 2015
103 f.

Dissertação (Mestrado em Linguistica e Lingua Portuguesa) — Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquista Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)
Orientador: Prof.ª Dra. Angélica T. C. Rodrigues

1. Estrutura Informacional. 2. Clivagem. 3. Funcionalismo. 4. Texto Escrito. 5. Foco. I. Título.

FELIPE ALEIXO

Estrutura Informacional e Clivagem: análise da veiculação de informação em construções clivadas do português brasileiro contemporâneo escrito

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise morfológica, morfossintática, semântica e pragmática

Orientadora: Profa. Dra. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues

Data da Defesa: 03/11/2015

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Profa. Dra. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus de Araraquara – SP

Membro Titular: Profa. Dra. Maria Helena de Moura Neves
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus de Araraquara – SP
Universidade Presbiteriana Mackenzie – SP

Membro Titular: Profa. Dra. Sanderléia Roberta Longhin
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto – SP

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Câmpus de Araraquara

À Silvana Zamproneo, minha eterna mestra, que fez florescer em mim o amor ao estudo da língua e a vontade latente de me tornar um linguista.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelas bênçãos diárias e por conduzir minha vida a tantos momentos felizes.

A José, meu querido pai, e Denise, minha amada mãe, por serem o meu alicerce, por estarem ao meu lado em todos os momentos difíceis e alegres, pelos conselhos animadores, pela educação que me fez ser o homem que sou.

A Ivanilde, vovó amada, por ter acompanhado de perto cada momento de realização desta dissertação, pelo carinho em horas sempre oportunas e pelos cafezinhos que me mantiveram acordado.

A minha querida orientadora, Professora Doutora Angélica Rodrigues, pelas orientações teóricas, pela paciência, pelas palavras de alívio e conforto, por ter se tornado uma grande amiga para a vida.

À Professora Doutora Maria Helena de Moura Neves, pela disponibilidade, pela atenção, pelas preciosas considerações para a melhoria de minha pesquisa, pela honra de tê-la em minha Banca de Qualificação e Defesa.

À Professora Doutora Sanderléia Roberta Longhin, cujos trabalhos foram inspiração para esta pesquisa, pela disponibilidade e por ter se debruçado sobre o meu trabalho, fazendo cuidadosas anotações a cada página.

Aos meus irmãos, Lucas e Matheus, pelo companheirismo e amizade.

A Luís Müller Posca, meu companheiro, que não mediu esforços para que esta pesquisa fosse concluída, por ter renunciado a momentos de lazer para ficar ao meu lado desde o início de tudo e por me fazer ver que a vida pode ser fantástica.

Aos meus queridos colegas da Revisão, Vanessa, Talitinha, Rodrigo, Rafael e Eduardo, pela motivação, pela companhia e pelas risadas gostosas de todos os dias.

A Patrícia Oréfice, minha companheira de mestrado, por ser sempre tão prestativa, alegre, presente e por acreditar em mim.

A Patricia Bomtorin e Flávia Berto, pela companhia nos momentos bons que o mestrado proporciona.

Ao Claretiano – Centro Universitário de Batatais, pelo apoio e pelo constante incentivo à minha formação profissional.

RESUMO

Neste estudo funcionalista, descrevemos e analisamos as construções clivadas do "português brasileiro contemporâneo escrito" com o objetivo central de analisar como a informação é veiculada pelos constituintes focais dessas sentenças. Além disso, buscamos perceber se a informação pode motivar o uso de um determinado tipo de estrutura clivada em detrimento de outro. Para isso, elegemos cinco tipos de construções clivadas, a saber, Clivadas Propriamente Ditas (CLIV), Construções É Que (É QUE), Construções Que (QUE), Construções Pseudoclivadas (PC) e Construções Foco Ser (SER) (PRINCE, 1979; BRAGA, 1989; LONGHIN, 1999), que compõem o nosso córpus de pesquisa, com um total de 127 ocorrências, extraídas de 1208 textos da modalidade de enunciação escrita do português. Esses textos fazem parte dos principais cadernos do jornal *Folha de S. Paulo* e foram produzidos durante o mês de janeiro de 2014. Metodologicamente, adotamos uma perspectiva quali-quantitativa, em que os dados foram analisados de acordo com seis grupos de fatores, a saber: estatuto informacional, grau de ativação dos referentes, categoria gramatical, função sintática, dimensão e contraste – todos esses fatores são analisados diante dos constituintes focais das sentenças clivadas. A codificação dos dados foi operacionalizada por meio do *software* GoldVarb X, a fim de obter os resultados estatísticos de frequência e a fim de realizar a tabulação cruzada entre a frequência do estatuto informacional das sentenças clivadas e a frequência de cada parâmetro sintático-discursivo. Por meio dos resultados obtidos, vimos que o estatuto informacional mantém forte relação com a produção de categorias gramaticais (como sintagmas nominais), de funções sintáticas (como sujeitos e circunstanciais) e, sobretudo, com a dimensão dos constituintes focais (curtos = informação dada; médios e longos = informação nova). Os grupos de fatores "grau de ativação" e "contraste" dos constituintes focais não permitiram inferências objetivas sobre a sua relação com o estatuto informacional das sentenças clivadas.

Palavras-chave: Estrutura Informacional. Clivagem. Funcionalismo. Texto Escrito. Foco.

ABSTRACT

In this functionalist study, we described and analysed the cleft constructions in the written "contemporary Brazilian Portuguese language" with the central aim of analysing how information is conveyed by the focal constituents of such sentences. Additionally, we aimed at perceiving whether information is capable of motivating the use of a given kind of cleft structure instead of other. For this purpose, we selected five kinds os cleft constructions: Per Se Clefts (CLIV), "É Que" Constructions (É QUE), "Que" Constructions (QUE), Wh-clefts Constructions (PC) and "Ser" Focus Constructions (SER) (PRINCE, 1979; BRAGA, 1989; LONGHIN, 1999), which composed our research corpus, with a total of 127 occurrences, taken from 1208 written enunciation mode texts in the Portuguese language. These texts are in the main sections of Folha de S. Paulo newspaper and were written during january, 2014. Methodologically, we adopted a quali-quantitative perspective, in which data were analysed in accordance with six factor groups: informational status, denotata activation level, grammatical category, syntactic function, dimension and contrast – all these factors are analysed in relation to the focal constituents of the cleft sentences. The data codification was held by means of GoldVarb X software, aiming at obtaining the frequency statistical results and aiming at carrying out the crossed tabulation between the cleft sentences informational status frequency and the frequency of each syntactic-discoursive parameter. With the obtained results, we perceived that the informational status keeps strong relation with the production of grammatical categories (like noun phrases), of syntactic functions (like subjects and circumstantials) and, especially, with the dimension of the focal constituents (short = given information; medium and long = new information). The factor groups "activation level" and "contrast" of the focal constituents did not allow objective inferences about their relation with the informational status of the cleft sentences.

Keywords: Information Structure. Cleft. Functionalism. Written Text. Focus.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Estatuto informacional das Sentenças Clivadas **65**

Gráfico 2 – Dimensão das sentenças clivadas. **89**

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Estatuto Informacional das sentenças clivadas..... **63**

Tabela 2 – Grau de ativação dos referentes das sentenças clivadas..... **67**

Tabela 3 – Categoria Gramatical dos constituintes focais das sentenças clivadas..... **72**

Tabela 4 – Tabulação Cruzada – Categoria Gramatical e Estatuto Informacional em CLIV, É QUE e QUE..... **78**

Tabela 5 – Função sintática dos constituintes focais das sentenças clivadas..... **79**

Tabela 6 – Função sintática e Estatuto Informacional nas CLIV..... **83**

Tabela 7 – Função sintática e Estatuto Informacional nas É QUE..... **83**

Tabela 8 – Função sintática e Estatuto Informacional nas PC..... **84**

Tabela 9 – Dimensão dos constituintes focais das sentenças clivadas..... **86**

Tabela 10 – Estatuto Informacional de CLIV de acordo com a dimensão dos constituintes focais..... **89**

Tabela 11 – Estatuto Informacional de É QUE de acordo com a dimensão dos constituintes focais..... **90**

Tabela 12 – Estatuto Informacional de PC de acordo com a dimensão dos constituintes focais..... **90**

Tabela 13 – Contraste nas sentenças clivadas..... **93**

Tabela 14 – Estatuto Informacional de CLIV de acordo com o contraste dos constituintes focais..... **95**

Tabela 15 – Estatuto Informacional de É QUE de acordo com o contraste dos constituintes focais..... **95**

Tabela 16 – Estatuto Informacional de PC de acordo com o contraste dos constituintes focais..... **96**

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CLIV	Clivadas Propriamente Ditas
É QUE	Construções "É que"
PC	Pseudoclivadas
QUE	Construções "Que"
SAdv	Sintagma Adverbial
SER	Construções "Foco Ser"
SN	Sintagma Nominal
SPrep	Sintagma Preposicional

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 13

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... 16

2.1 A Informação no Universo Discursivo-Pragmático..... 16

2.1.1 Estrutura Informacional..... 18

2.1.1.1 Tópico e Foco..... 24

2.1.1.2 Informação Dada, Nova e Inferível..... 28

2.1.2 Identificabilidade e ativação dos referentes do discurso 34

2.2 Clivagem..... 37

2.2.1 A expressão de contraste nas construções clivadas..... 49

3 METODOLOGIA..... 52

4 ANÁLISE DOS DADOS..... 59

4.1 Estatuto Informacional dos constituintes focais 60

4.2 Categoria gramatical dos constituintes focais..... 61

4.3 Função sintática dos constituintes focais..... 72

4.4 Dimensão dos constituintes focais..... 85

4.5 Contraste dos constituintes focais..... 92

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 98

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 102

1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, de base funcionalista, buscamos descrever e analisar as construções do português contemporâneo comumente chamadas de "clivadas", com o objetivo central de analisar como a informação é veiculada pelos constituintes focais dessas sentenças.

Mais especificamente, temos a intenção de entender como a veiculação da informação realizada pelas sentenças clivadas do português pode motivar o uso de um determinado tipo de estrutura em detrimento de outro, a ponto de verificar se o estatuto informacional de um constituinte focal pode influenciar na composição da estrutura clivada do português.

Para isso, apresentamos e refletimos sobre os principais estudos funcionalistas voltados à Estrutura Informacional e às construções clivadas, como Halliday (1967), Dik (1981), Prince (1981; 1984), Lambrecht (2001), Braga (1989, 1991, 1992, 1994, 1995, 1999, 2009) e Longhin (1999). Nesse contexto, elegemos grupos de fatores consagrados para o estudo das sentenças clivadas do português (BRAGA, 1991; LONGHIN, 1999), com a finalidade de evidenciar a relação do estatuto informacional do constituinte focal nas construções clivadas com funções sintático-discursivas predeterminadas por essas autoras, a fim de entender como essa relação pode interferir no uso dessas sentenças clivadas.

Nosso córpus foi construído a partir de amostras da modalidade de enunciação escrita do português contemporâneo, cujas fontes são textos jornalísticos produzidos no ano de 2014. Esses textos fazem parte dos cadernos principais do jornal *Folha de S. Paulo*, que é considerado um dos maiores meios de comunicação impressa não só do estado de São Paulo como de todo o país. No total, 1208 textos, correspondentes aos cadernos *Opinião, Poder, Mercado, Cotidiano, Esporte* e *Ilustrada*, produzidos durante o mês de janeiro de 2014, foram utilizados como fonte de busca para a seleção de 127 ocorrências de sentenças clivadas, que aqui se apresentam sob a forma de Clivadas Propriamente Ditas (CLIV), Construções É Que (É QUE), Construções Que (QUE), Pseudoclivadas (PC) e Construções Foco Ser (SER).

Com relação à metodologia, adotamos, nesta pesquisa, uma abordagem quali-quantitativa. Na análise dos parâmetros sintático-discursivos, os dados recebem

sobretudo um tratamento quantitativo. A codificação dos dados foi operacionalizada por meio do *software* GoldVarb X, a fim de obter os resultados estatísticos de frequência em nossos dados e a fim de realizar o cruzamento entre a frequência do tipo de estatuto informacional veiculado por cada tipo de sentença clivada e a frequência dos elementos sintático-discursivos de cada parâmetro.

Vale reiterar que a inspiração para essa operacionalização parte dos estudos de Braga (1989, 1991, 2009) e de Longhin (1999). Ambas as autoras, nesses trabalhos, evidenciam a relação do estatuto informacional das clivadas com a sua estruturação em córpus de língua falada. Braga (1991), por exemplo, utiliza como fonte de pesquisa para formação de seu córpus de língua falada o Acervo do Projeto Censo da Variação Linguística do Rio de Janeiro. Por sua vez, Longhin (1999) utiliza o Acervo Certas Palavras, resultado do programa radiofônico de entrevistas que discute autores clássicos de literatura e livros; essa última autora enfatiza que, apesar de a fonte de seu córpus sincrônico ter passado por um processo de textualização para a sua publicação, a origem das ocorrências é a fala real produzida no processo de interação entre entrevistador e entrevistados.

Dessa maneira, nosso estudo serve, também, para realizar o cotejamento entre os resultados obtidos pelas autoras nesse contexto de enunciação linguística (a fala) e os nossos, cuja origem é a escrita formal, apresentada sob o gênero jornalístico.

Esta pesquisa está subdividida em três seções principais. Inicialmente, apresentamos toda a fundamentação teórica que serve de alicerce para este estudo. Nela, é discutida a evolução dos estudos sobre a Estrutura Informacional ao longo dos anos, sobretudo aqueles que se tornaram ícones dentro da proposta funcionalista e que dão suporte para nossas reflexões. Na sequência, são introduzidos os conceitos fundamentais sobre o estudo das construções clivadas, focando, especialmente, a evolução desses estudos na língua portuguesa brasileira, em que são muito representativos os trabalhos de Braga (1989, 1991, 1994, 1995, 1999 e 2009).

Na segunda seção, apresentamos as amostras de onde foram retirados os dados para a análise que fundamenta esta pesquisa. Além disso, são apresentadas as nossas decisões metodológicas para a realização do estudo.

Na terceira seção, fazemos a análise dos dados, com o objetivo de descrever as diferentes formas de articulação da informação nas construções clivadas do português brasileiro, fazendo reflexões sobre como a veiculação da informação introduzida pelo constituinte focal dessas sentenças pode interferir na escolha dessa construção linguística.

Por fim, são apresentadas as considerações finais e as referências bibliográficas desta pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, delimitamos o nosso campo de reflexão, apresentando os pressupostos teóricos que são importantes para a construção da nossa discussão sobre a veiculação da informação dos constituintes focalizados nas sentenças clivadas do português brasileiro contemporâneo. Assim, temos, aqui, como objetivos centrais: i) delimitar e explicitar os conceitos fundamentais para a análise da organização informacional do discurso escrito em análise; ii) apresentar diferentes abordagens para a delimitação do foco discursivo nas amostras de nosso *córpus*; iii) discutir sobre a formação das construções clivadas do português.

A descrição realizada nesta seção está colocada exclusivamente sob o domínio da Estrutura Informacional, apresentando as noções de tópico e foco numa perspectiva pragmático-discursiva, o que significa assumir, desde o início, a não sobreposição entre as diferentes áreas no que se refere ao significado dos termos utilizados, bem como ao escopo discursivo a que se aplicam. Assim, não temos aqui a pretensão de realizar uma reflexão exaustiva sobre o assunto, uma vez que, dadas as limitações desta pesquisa, a complexidade do assunto e a extensão da literatura, isso seria impossível. Buscamos, dessa forma, por meio do que aqui elencamos, sustentar e fundamentar nossas escolhas teóricas e metodológicas.

Depois de apresentada a nossa visão sobre a Estrutura Informacional, apresentamos como consideraremos o fenômeno clivagem neste estudo, fundamentando-nos sobretudo nos estudos de Braga (1989, 1991, 1994, 1995, 1999, 2009) e de Longhin (1999). Por meio dessa subseção, temos o objetivo de refletir sobre essa estrutura de foco marcado, considerando os seus subtipos/subdivisões estruturais encontrados nos textos de nossa busca.

2.1 A Informação no Universo Discursivo-Pragmático

Em princípio, é preciso definir qual o conceito de discurso que tomamos nesta pesquisa, uma vez que ele pode ser considerado de diferentes modos em diferentes propostas teóricas em função do objeto e dos princípios a que se se refere.

Aqui, o discurso é entendido como uma prática verbal que apresenta sempre um valor interindividual, que consiste em um processo cognitivo complexo envolvendo diferentes tipos e níveis de operações e de conhecimentos. Isso quer dizer que consideramos que o discurso não pode ser analisado levando-se em consideração apenas as unidades linguísticas produzidas; devem ser também tomados, por exemplo, o estatuto mental do locutor e do interlocutor, o contexto de enunciação e a relação entre os interlocutores. Esse conjunto de condições que intervêm na produção de qualquer discurso constitui aquilo que Lambrecht (1994, p. 36) considera como "universo discursivo", que se configura como um modelo por meio do qual os fatores supramencionados (e outros) podem ser organizados em duas grandes categorias.

Na primeira categoria, estão agrupados os elementos externos ao discurso, ou seja, os participantes do discurso (locutor e interlocutores), bem como a situação de enunciação, quer dizer, o espaço, o momento e as circunstâncias em que o discurso é construído. De acordo com Lambrecht (1994), esses elementos não são estabelecidos apenas a partir de representações discursivas, tendo em vista que podem ser suscitados a partir da própria situação de comunicação, como acontece, por exemplo, nas expressões dêiticas[1]. Nesse sentido, por meio dessas expressões, podemos designar o locutor e o interlocutor ("eu", "tu", por exemplo), o tempo da produção do discurso ("hoje", "agora", "ontem", "amanhã", por exemplo) e o espaço em que o discurso é produzido ou que é citado pelos participantes do ato discursivo ("aqui", "ali", "lá", por exemplo).

Na segunda categoria, Lambrecht (1994) agrupa os elementos internos do discurso, ou seja, as expressões linguísticas e os significados associados a elas. Aqui, está em evidência o lado abstrato das representações mentais criado nas mentes dos interlocutores durante a comunicação, de modo que é por meio da manipulação dessas representações que a informação é veiculada. A forma como essas entidades são manifestadas está diretamente relacionada ao modo como suas representações são estabelecidas na mente do falante durante a produção de seu discurso; e isso se relaciona, também, com a organização das informações veiculadas – e, portanto, com a estrutura informacional do discurso.

---

[1] As expressões dêiticas, de acordo com Lambrecht (1994, p. 38), permitem que o falante indique diretamente os “elements of the text-external world by 'pointing' to them […]".

Essa segunda categoria de Lambrecht (1994) pode ser associada à perspectiva adotada por Dik (1989). Em sua Gramática Funcional, o autor apresenta um modelo de interação social por meio da linguagem, no qual as expressões linguísticas são produzidas a partir da intenção do falante, da informação pragmática do falante ou da avaliação do falante sobre a interpretação do ouvinte. Por sua vez, para que o ouvinte faça a interpretação das expressões linguísticas, ele depende: da própria expressão linguística, da sua informação pragmática e da sua hipótese sobre a intenção comunicativa do falante.

Nesse contexto, em que a informação é tomada na sua forma "pragmática", tal como definida por Dik (1989), compõem-se todo o conhecimento, as crenças e as suposições disponibilizadas para falante e ouvinte no momento da interação verbal por meio da forma como essa informação é apresentada no discurso. Nesse modelo, é entendido que os participantes do ato comunicativo querem alcançar seus objetivos informacionais por meio de suas expressões linguísticas (cooperatividade), estruturando os seus discursos de acordo com regras e normas preestabelecidas no sistema (estruturação). O autor distingue essas regras em dois subgrupos: (i) aquele formado por regras fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas; (ii) aquele em que estão inseridas, de modo mais abrangente, as regras pragmáticas, ou seja, em que estão evidentes os padrões de uso dessas expressões linguísticas (DIK, 1989).

Dessa forma, todos os níveis (sintático, semântico, pragmático etc.), de um modo ou de outro, estão interligados, apresentando, é claro, funções distintas. No nível das funções semânticas estão, por exemplo, os processos ativos/passivos/benefactivos das sentenças. No das funções sintáticas, os termos essenciais, integrantes e acessórios da oração, como sujeito, objetos etc. E no das funções pragmáticas, de fundamental importância para este estudo, o tópico, o foco, o tema, o antitema, o rema, entre outros que são importantes para que a informação seja estruturada dentro do contexto comunicativo. Na subseção a seguir, apresentamos a relevância desses conceitos para o nosso estudo e de que forma serão tomados para a análise de nossas ocorrências.

2.1.1 Estrutura Informacional

No âmbito da Estrutura Informacional, muitos estudos têm sido realizados sob diferentes vieses, em função do quadro teórico em que são definidos. Uma vez que é

impossível recuperar aqui todas as propostas desse universo teórico, apresentamos somente aquelas que melhor articulam as representações da Estrutura da Informação com as condições em que se verifica o fluxo de informação não apenas no nível da oração, como também no nível discursivo.

Inicialmente, é preciso dizer que o estudo do fluxo da informação veiculado pela língua surgiu entre o grupo de estudiosos que compunham a famosa Escola Linguística de Praga (década de 1930). Dentre esses estudiosos, Mathesius (1928 apud BARBOSA, 2005) destacou-se como o precursor das reflexões sobre o tratamento da estrutura da informação. À época, as preocupações dos investigadores do Círculo Linguístico de Praga estavam evidentemente mais voltadas à descrição de como a informação é distribuída na oração e quais os seus efeitos semânticos e pragmáticos (BARBOSA, 2005).

A contribuição do Círculo Linguístico de Praga para o tratamento da estrutura da informação foi intensificada com a continuidade dos estudos de Mathesius realizada por Firbas (1964 apud BARBOSA, 2005) e Daneš (1974). As propostas desses dois últimos autores reformularam o contraste gramatical entre sujeito e predicado, introduzindo o contraste entre tema e rema, sendo estes (tema e rema) entendidos numa perspectiva de enfoque comunicativo.

Firbas (1964 apud BARBOSA, 2005) articulou o conceito de Estrutura Informacional com o conceito de dinamismo comunicativo, com o objetivo de descrever como a informação é organizada na sentença, mostrando como cada unidade de um enunciado contribui dinamicamente para a produção global da oração, gerando um determinado efeito comunicativo. Vale dizer que, apesar de haver nessa perspectiva uma relação perceptível entre os níveis sintático e semântico, não há, segundo o autor, uma implicação de correspondência absoluta entre os elementos que correspondem a cada um desses níveis. Em sua essência, o dinamismo comunicativo reflete "o grau de importância atribuída a cada segmento da oração, que pode ser dividido em duas partes: o tema (o que falamos) e o rema (o que dizemos)" (BARBOSA, 2005, p. 9).

Daneš (1974), por sua vez, expandiu o estudo da dinâmica comunicativa da sentença para unidades mais complexas, relacionando tema e rema a informações velhas e novas, de forma a analisar os princípios que dão sustentação à progressão temática do texto.

Halliday (1967), em seu trabalho sobre o sistema de transitividade e tema do inglês, entende que a oração é estruturada informacionalmente por uma sequência de unidades informativas que não necessariamente correspondem aos constituintes de uma estrutura sintática; ao contrário dos autores anteriores, a informação estrutural para Halliday (1967) deve ser analisada num nível distinto do da interface sintaxe-semântica. Dessa forma, o falante é livre para determinar os limites e a organização interna da estrutura informacional, visto que essas unidades informacionais apresentam uma estrutura própria. Nas palavras do autor:

> [...] Qualquer texto [...] é organizado naquilo que pode ser chamado de "unidades informacionais". A distribuição do discurso em unidades informacionais é obrigatória no sentido de que o texto deve consistir de uma sequência dessas unidades. Mas é opcional no sentido de que o falante é livre para decidir onde cada unidade informacional começa e termina, e como ela é organizada internamente (HALLIDAY, 1967, p. 200, tradução nossa).[2]

Dentre os três sistemas que Halliday diz compor a estrutura da sentença (transitividade, modo e tema), o que mais nos interessa é o Sistema de Tema, que se configura como um conjunto de opções ligado à estrutura informacional da sentença, ou seja, ao estatuto dos constituintes que compõem uma mensagem. Existem seis conjuntos de opções nesse sistema: informação, tematização, identificação, predicação, substituição e referência (HALLIDAY, 1985). Neste momento, interessa-nos mencionar a questão relacionada à informação.

A opção de informação, de acordo com Halliday, pode ser entendida com base no fracionamento da oração em unidades informacionais ou blocos de mensagem. Ainda segundo o autor (1967, p. 200), o discurso é organizado, também, em uma sequência de unidades tonais, cuja estrutura própria integra a distribuição dessas unidades informacionais, bem como a organização interna de cada unidade informacional. Essa estrutura é responsável pela ordem linear das unidades informacionais. Geralmente (mas

---

[2] “Any text [...] is organized into what may be called ‘information units’. The distribution of the discourse into information units is obligatory in the sense that the text must consist of a sequence of such units. But it is optional in the sense that the speaker is free to decide where each information unit begins and ends, and how it is organized internally [...]”.

não sempre), o objeto de que fala a frase (*aboutness*), designado também como tema, ocorre no início da frase e precede aquilo que se diz sobre ele, o rema.

Para o autor, as unidades informacionais em sequência compõem o discurso; são realizadas fonologicamente e sua delimitação é variável, sendo determinadas pelo falante. Sua forma não marcada se configura como a unidade correspondente a uma oração, embora seja possível haver, na língua, uma unidade informativa que se apresente em porções maiores ou menores do que a oração. Adaptamos o exemplo apresentado por Halliday (1967, p. 201) para ilustrar isso:

(01) (a) // João assistiu à peça ontem. //

(b) // João // assistiu à peça ontem. //

(c) // João // assistiu à peça // ontem. //

(d) // João assistiu à peça ontem, mas não falou nada sobre ela. //

(e) // João // assistiu à peça ontem e está vendo ela de novo hoje. //

É preciso estar atento, nesse sentido, ao fato de que, de acordo com Ilari (1992, p. 21), “haveria, segundo Halliday, várias orações em que a segmentação resultante da informação e a segmentação resultante da tematização não coincidem: divergências são possíveis porque a tematização se aplica a orações, e a informação a unidades informativas; e uma unidade informativa pode ser mais ou menos do que uma oração.”

Baseando-se na proposta de Halliday (1967), Lambrecht (1994) amplia a noção de estrutura informacional, tomando-a como um componente da gramática da oração, considerando as proposições como representações conceptuais de estados de coisas, as quais "são pareadas com estruturas lexicogramaticais de acordo com o estado mental dos interlocutores, que usam e interpretam essas estruturas como unidades de informação no contexto do discurso dado" (LAMBRECHT, 1994, p. 5, tradução nossa).

Nessa concepção, a estrutura informacional relaciona-se com fenômenos mentais, levando em consideração as suposições que o falante tem sobre aquilo que o ouvinte sabe no momento do discurso, tendo como função considerar as condições e os

contextos discursivos em que as unidades de informação analisadas são produzidas (LAMBRECHT, 1994).

Logo, para o autor, a Estrutura Informacional de uma sentença é a expressão formal da estruturação pragmática de uma proposição no discurso. Uma proposição que foi submetida a uma estruturação pragmática é chamada por ele de proposição pragmaticamente estruturada. As categorias mais importantes da Estrutura Informacional, nesse sentido, são:

i. Pressuposição e asserção, que têm a ver com a estruturação das proposições em porções sobre o que falante supõe que o seu destinatário já sabe ou ainda não sabe sobre o que está sendo enunciado.
ii. Identificabilidade e ativação, que têm a ver com suposições do falante sobre os estatutos das representações mentais do referente discursivo na mente do destinatário no momento da enunciação.
iii. Tópico e foco, que têm a ver com a avaliação que o falante faz da previsibilidade e da imprevisibilidade das relações entre proposições e seus elementos nas situações discursivas dadas.

A Estrutura Informacional estudada por Lambrecht (1994) é formalmente manifestada em aspectos de prosódia, em marcadores gramaticais especiais, na forma dos constituintes sintáticos, na posição e na ordenação desses constituintes na oração, na forma das construções gramaticais complexas e em certas escolhas de itens lexicais. Ela intervém, portanto, em todos os níveis do sistema gramatical, e sua análise está centrada na comparação de pares da oração que são semanticamente equivalentes, mas formalmente e pragmaticamente divergentes, como “ativo” *vs*. “passivo”, “canônico” *vs*. “topicalizado”, “canônico” *vs*. “clivado” ou “deslocado” etc. A esses tipos de pares, Lambrecht (1994) usa a expressão “pares de alossentenças”. Assim, as diferenças na estrutura informacional de uma sentença são sempre entendidas em termos de contrastes entre alossentenças, isto é, sob um pano de fundo de alternativas gramaticais acessíveis, mas não usadas para expressar uma dada proposição (LAMBRECHT, 1994). Como podemos perceber, a estrutura informacional constitui, portanto, uma parte da gramática que combina caraterísticas semânticas, pragmáticas, prosódicas e sintáticas no nível discursivo.

Com relação às possibilidades de se estruturar a informação no discurso, Dik (1989) assevera que os constituintes dos discursos das línguas naturais podem ser

divididos em intraoracionais e extraoracionais. Em nosso principal campo de interesse, a saber, o das funções pragmáticas, são constituintes extraoracionais o tema e o antitema, e intraoracionais, o foco e o tópico. É essa divisão que mostra por que os constituintes pragmáticos têm, com frequência, funções semânticas e, também, sintáticas.

As funções pragmáticas dependem da forma como a informação pragmática é compartilhada entre falante e ouvinte. De acordo com a Gramática Funcional de Dik (1989), os falantes, que têm suas próprias informações pragmáticas, organizam os seus enunciados de acordo com aquilo que acreditam fazer parte do universo informacional pragmático de seus ouvintes, tendo por objetivo modificar as informações pragmáticas destes, seja por meio de acréscimos, substituições ou eliminação de partes da informação. Nesse contexto, existem porções informativas que fazem parte do conhecimento de mundo tanto do falante quanto do ouvinte, que são compartilhadas por eles; há, ainda, aquelas que estão disponíveis no discurso (DIK, 1989).

Assim, para Dik (1989), o falante organiza o seu discurso supondo quais parcelas de informação são compartilhadas entre ele e o seu ouvinte, ou seja, aquilo que ambos já sabem sobre o assunto em questão. Então, o falante introduz informações que ele julga não compartilhadas entre ele e o seu interlocutor, isto é, que são novas ao ouvinte.

Tema e antitema são considerados constituintes extraoracionais para Dik (1989). Tema, de acordo com o autor, é aquele que especifica o universo discursivo sobre o qual a oração subsequente é apresentada. Em contrapartida, o antitema se apresenta como uma “reflexão tardia”, ou seja, uma informação posterior que tem o objetivo de especificar ou modificar a sentença produzida. Os exemplos a seguir ilustram esses conceitos:

(02) **Tema**: <u>Com relação à economia</u>, esta tem se mostrado em nível decadente nos últimos três meses.

(03) **Antitema**: Ela faz um bolo maravilhoso, <u>a sua mãe</u>.

De outra forma, Halliday (1985, p. 39) recorre à terminologia tema/rema tal como os investigadores da Escola de Praga utilizavam, afirmando que o tema “é o

elemento em uma configuração estrutural particular que, tomado como um todo, organiza a oração como uma mensagem”; por essa razão, a oração é composta por um tema combinado com um rema (HALLIDAY, 1985, p. 39). O rema, por sua vez, é aquilo que se diz sobre o tema. Para Halliday (1967), a opção temática que consiste em organizar a sentença em tema e rema é realizada pela ordem dos constituintes. O tema é o primeiro termo da sentença e sempre precede o rema.

Assim, na estrutura temática de Halliday (1967), é possível reconhecer um tema (elemento que funciona como ponto de partida da mensagem) e um rema, que predica e desenvolve o tema. A sequência não marcada para o português brasileiro é tema > rema, de forma que o tema não precisa estar explícito (pode ser subentendido). Vale dizer que o critério de definição do tema é *funcional*, ou seja, ele é o elemento que organiza a oração como uma mensagem[3].

Diante exposto, concluímos que é possível associar ao conceito de estrutura informacional duas distinções básicas, que, ao serem diferenciadas, permitem uma compreensão melhor do fenômeno da Estrutura Informacional no discurso: primeiro, uma distinção entre “tema e rema”, “tópico/comentário” e "tópico e foco", em que uma parte da sentença faz uma relação com o propósito do discurso, e a outra que faz o discurso “avançar”; segundo, a distinção entre informação dada e informação nova, as quais contribuem para distinguir o conteúdo de alternativas que o contexto torna acessível.

Nas subseções a seguir, realizaremos uma breve reflexão sobre cada uma dessas duas áreas conceituais.

2.1.1.1 Tópico e Foco

De acordo com Ilari (1992), a primeira proposta de organização da informação na frase foi realizada por Hermann Paul (1886), a qual corresponde à divisão sujeito psicológico/predicado psicológico. Nessa concepção, o sujeito psicológico está relacionado à “quantidade de idéias existente no consciente do que fala, do que pensa

[3] De acordo com Halliday (1967), uma mesma oração pode apresentar múltiplos temas (ideacional, textual e modal).

[…]”, e o predicado psicológico, por sua vez, à “quantidade restante de ideias presentes na frase que se associa ao sujeito psicológico” (ILARI, 1992, p. 11).

Como dissemos anteriormente, Mathesius (apud BARBOSA, 2005) é quem categoricamente inicia os estudos sobre a Estrutura Informacional, distanciando-se dessa relação psicológica dos constituintes da oração, e, posteriormente, Firbas (1964) apresenta a relação tema/rema como uma relação hierárquica na oração. Assim, a oração é constituída por um elemento com o mais baixo grau de dinamismo comunicativo (o tema) e por um elemento com o mais alto grau de dinamismo comunicativo (o rema) (apud BARBOSA, 2005).

Sobre a divisão da oração em tópico/comentário, destacam-se as investigações de Daneš (1974), que considera que o tema (ou tópico) reflete o assunto que tratado na oração, e o rema (ou comentário) contém as informações relativas ao assunto referido no tema, correspondendo, respectivamente, o tema/tópico aos elementos conhecidos, que constituem o ponto de partida, e o rema/comentário, aos elementos novos, constitutivos da base do enunciado (apud BARBOSA, 2005).

Foi também com base nas abordagens de Daneš (1974) que se passou a considerar a divisão entre tópico e foco, considerada pela Moderna Escola de Praga. Isso é reconsiderado por Dik (1989), quando este define os constituintes intraoracionais. Para o autor, tópicos são as coisas sobre as quais falamos; foco é aquilo que caracteriza as partes mais importantes sobre o que dizemos dos tópicos.

Lambrecht (1994) considera que é sobre o tópico de uma oração que a proposição expressada pela sentença é construída. Assim, o referente da oração só pode ser considerado como tópico se, em um determinado contexto discursivo, ele apresentar uma informação relevante que "aumente" o conhecimento do interlocutor sobre esse mesmo referente. É por essa razão que Lambrecht (1994) afirma que o tópico de uma oração só é estabelecido pela relação entre um referente e uma proposição. Isso quer dizer que o tópico deve estar relacionado com a pressuposição pragmática suscitada pela construção da oração dentro do discurso. Nesse sentido, diz Lambrecht (1994, p. 150) que:

> Uma vez que o tópico é a "questão de interesse atual" sobre o qual novas informações são adicionadas a um enunciado, para uma proposição ser construída como "sendo sobre" um referente tópico, esse referente deve evidentemente ser parte de uma pressuposição pragmática já estabelecida, ou seja, ela já deve estar "em discussão" ou, de qualquer outra forma, estar disponível a partir do contexto[4] (tradução nossa).

O tópico é visto, então, como um constituinte que tem a função de selecionar e ativar um elemento existente na memória do interlocutor, enviando-o para a memória ativa, de forma que possa ser combinado com novos elementos cognitivos que são introduzidos pelo comentário. De qualquer modo, os referentes dos tópicos devem estar acessíveis ao interlocutor, sendo acessados seja por meio do discurso anterior, seja por meio do contexto em que o texto é produzido e interpretado.

Lambrecht (1994, p. 144-147) enfatiza que tópico e sujeito gramatical não apresentam, obrigatoriamente, uma relação de correspondência. As construções topicalizadas são um exemplo disso. Se tivéssemos uma situação em que fosse proferida a seguinte realização "A minha mulher, ela está grávida". Nesse caso, "a minha mulher" é o tópico da sentença, cuja função é localizar, para o interlocutor, o elemento sobre o qual se está fazendo referência. O sujeito gramatical da sentença, por sua vez, é "ela", pronome que recupera o tópico apresentado.

Assim, o falante/escritor toma uma decisão comunicativa ao realizar a seleção do tópico da oração, ou seja, ele determina uma espécie de "ponto de partida" para o referente sobre o qual pretende veicular informação. Todavia, essa decisão do falante para a seleção de um referente tópico está condicionada por aquilo que ele supõe que esteja ativado na mente do ouvinte no momento em que a unidade informacional é realizada (LAMBRECHT, 1994).

Juntamente com a noção de tópico, sempre encontramos, na literatura sobre os estudos da informação, a noção de foco – e essa noção nem sempre compartilha as

---

[4] "[...] since the topic is the already established «matter of current concern» about which new information is ADDED in an utterance, for a proposition to be construable as being about a topic referent this referent must evidently be part of the pragmatic presupposition, i.e. it must already be «under discussion» or otherwise available from the context".

mesmas definições. O que parece ser consenso geral é que o foco constitui um elemento central na organização do fluxo informacional.

De acordo com Lambrecht (1994, p. 345), o foco corresponde à "parte da informação que o locutor assume não ser compartilhada entre ele e o interlocutor […]". O autor coloca o conceito de foco como relacionado à contraparte do conceito de *pressuposição*, que é a parte da informação que o falante assume que é compartilhada entre ele e o seu interlocutor. Sobre isso, Barbosa (2005, p. 341) afirma que o foco está relacionado com a "ideia de novidade", ou seja com "a informação que contrasta de algum modo com porções da informação antecedente, pré-existente, no contexto de enunciação (*background*)". Logo, o foco apresenta efeitos semânticos e pragmáticos, manifestando-se na sintaxe.

Essa noção é expressa na definição de foco de Halliday (1967):

> O foco da informação é um tipo de ênfase, pela qual o falante marca uma parte (que também poderia ser o todo) de um bloco de mensagem como aquele em que ele deseja ser interpretado como informativo. O que é "focal" é informação "nova"; não no sentido de que ele não tenha sido mencionado anteriormente, embora esse seja frequentemente o caso em que ele não costuma acontecer, mas no sentido de que o falante considera não recuperável do discurso anterior [...] O foco de uma mensagem é aquele que é representado pelo falante como sendo novo, informação não derivável textualmente (e situacionalmente) (apud LAMBRECHT, 1994, p. 207, tradução nossa).

A informação dada é considerada, nesse contexto, como aquela que é recuperável seja de forma anafórica, seja por meio da situação. Ao levar em consideração o que afirma Halliday (1967), para quem a informação focal é nova para o ouvinte, tendo em vista que é apresentada pelo falante como não recuperável (ou "nem sempre" recuperável) no contexto antecedente (textual e situacional), Lambrecht (1994) caracteriza, sim, o foco como uma situação que não está previsível nem recuperável no contexto, mas não pelo fato de o referente/entidade não ter sido apresentado no discurso, e sim porque essa novidade informacional é veiculada por intermédio da *relação*

estabelecida entre os diversos elementos e proposições em que estão inseridos (sendo chamada de "relação focal"), não tendo nada a ver com a atribuição das propriedades “novo” e “dado” aos conteúdos.

Consoante Lambrecht (1994), a marcação do foco é um dispositivo formal que possibilita pôr em evidência a relação entre um determinado constituinte pragmático e uma proposição. Logo, o objetivo de marcar o foco de uma sentença não é apenas determinar que um constituinte será "novo" no contexto da enunciação; marca-se o foco com a finalidade de assinalar a relação existente entre um determinado elemento da proposição e a proposição propriamente dita. O que não está focalizado, então, faz parte da pressuposição apresentada pelo falante.

Note-se que não estamos aqui querendo dizer que o conceito de foco está relacionado à constituição de informação nova – que embora apresentem níveis distintos de análise, podem se sobrepor. O que defendemos é que o foco pode pôr em evidência constituintes que veiculem diferentes tipos de informação (como nova, dada e inferível, que veremos adiante), de modo que o que garante a relação de novidade que lhe é inerente é a sua *relação* com a contraparte pressuposta da oração.

2.1.2.2 Informação Dada, Nova e Inferível

Como dissemos na introdução desta dissertação, que se desenvolve sob a luz de uma perspectiva funcionalista de análise linguística, não concebemos a língua como sistema autônomo, e sim como um instrumento comunicativo, em que ela (a língua) se submete às pressões que procedem das situações de comunicação, exercendo grande influência sobre sua estrutura linguística.

De acordo com Givón (1979 apud NEVES, 2001), a língua não pode ser descrita como um sistema autônomo porque existe uma interdependência entre a gramática e outras áreas, como a cognição e a comunicação, o processamento mental, a interação social e cultural, a mudança e a variação, entre outros. Assim, o uso da língua em relação a todo o sistema, o significado em relação às formas linguísticas e o social em relação às escolhas individuais do falante se configuram como pontos centrais para o estudo funcionalista. E aí ficam em evidência, quando da produção do discurso, diversos

fatores, como o contexto, as informações pragmáticas do falante/escritor (e as que ele supõe que o ouvinte/leitor tenha), o planejamento etc. (NEVES, 2001).

Nesse sentido, de acordo com Dik (1989), a competência comunicativa diz respeito à capacidade que o falante tem de construir e interpretar expressões linguísticas bem estruturadas, tendo a habilidade de fazer uso dessas expressões de acordo com o contexto comunicativo em que está inserido. É por essa razão que essas expressões só podem ser analisadas se for levada em consideração a estrutura delas aliada ao seu funcionamento em determinado contexto de uso.

Essa perspectiva funcionalista de análise se preocupa, fortemente, com o princípio da informatividade, segundo o qual uma das razões para que os interlocutores façam uso da língua é a necessidade de compartilhar o conhecimento, transmitindo informações. É claro que, nessa perspectiva, a língua é considerada mais do que apenas uma “transmissora” de informações: ela é essencialmente interação. Então, a organização do fluxo informacional está diretamente relacionada com o julgamento que um falante faz sobre o conhecimento do seu interlocutor com o objetivo de garantir a interação.

Sob uma perspectiva cognitiva, Chafe (1976, p. 30) distingue o fluxo informacional subjacente a esse "compartilhamento" de conhecimento que mencionamos do seguinte modo:

> Informação dada (ou velha) é o conhecimento que o falante assume estar na consciência do seu interlocutor no momento da enunciação. A chamada informação nova é aquela que o falante supõe que esteja introduzindo na consciência do seu interlocutor por meio daquilo que ele diz.

Lambrecht (1994) entende que a noção de *informação* deve ser sempre distinguida da de *significado*, tendo em vista que o significado de uma oração está expresso nos elementos linguísticos ali dispostos, ou nas relações estabelecidas entre eles; a informação, no entanto, é veiculada por meio de proposições e é dependente dos estados mentais dos interlocutores.

Assim, por meio do compartilhamento de informação sobre uma dada situação ou sobre um determinado estado de coisas, o falante influencia as representações

mentais que o ouvinte faz sobre o mundo – e essas representações são formadas pelo conjunto de proposições que forma seu conhecimento de mundo, as suas crenças e por tudo aquilo que ele considera como sendo indiscutível no momento do discurso (LAMBRECHT, 1994).

Aliás, nesse modelo, é importante dizer que o fato de o ouvinte ter algum conhecimento sobre uma proposição dada não significa que ele faz considerações sobre o estatuto de verdade que essa proposição traz. Até mesmo porque o conceito de "verdade" não tem lugar na Pragmática Discursiva, uma vez que nesta se considera inadequado atribuir um valor de verdade às representações mentais sobre as situações, eventos ou estados que estão nas mentes dos interlocutores e sobre os quais pensamos. Assim, essas representações "simplesmente" existem ou não existem nas mentes de falantes e ouvintes, de modo que, quando dizemos que "temos o conhecimento sobre alguma proposição", estamos querendo dizer que temos uma figura mental de seu *denotatum*, de seu referente.

À mente do ouvinte, então, são adicionadas, inseridas, informações novas, mas levando-se sempre em consideração que já há, lá, um conjunto preexistente de conhecimento, que é utilizado para dar sentido àquilo que ele ouve. De modo mais específico, podemos dizer que, quando o emissor adiciona alguma informação ao conjunto mental de seu receptor, apenas uma pequena parte da representação total do ouvinte é afetada. De acordo com Lambrecht (1994), é essa porção que "está em discussão" que se torna relevante para o ouvinte. Vale dizer que essa informação só será recebida e aceita pelo ouvinte com sucesso se a suposição do falante sobre o estado de conhecimento do ouvinte estiver correta. Essa condição de veiculação bem-sucedida de informação é discutida por Strawson (1964) por meio de dois de seus princípios, quais sejam, o Princípio da Suposição da Ignorância e o Princípio da Suposição de Conhecimento.

O primeiro princípio, que leva em consideração a "suposição da ignorância", está relacionado ao fato de que o falante sempre julga, no momento da enunciação, que seu interlocutor não tem consigo alguma informação tomada como relevante no momento da enunciação. É por essa razão que, de acordo com Strawson (1964), só haverá sucesso na transmissão de informação se a informação apresentada pelo falante ainda não estiver alojada na mente de seu ouvinte. O segundo princípio de Strawson (1964) seria como que uma contraparte ao primeiro. Assim, é preciso que o ouvinte desconheça algo no

momento da enunciação, mas, do mesmo modo, é importante que ele tenha um conjunto de conhecimentos prévios sobre o que se está dizendo, a fim de que haja o perfeito entendimento daquilo de que se está falando. Assim, o Princípio da Suposição de Conhecimento assevera que o ouvinte nunca está em um completo estado de ignorância, tendo em vista que ele recebe informações novas constantemente, que são acrescentadas ao seu conhecimento e, então, passam a ser informações dadas, que podem ser usadas em outros eventos futuros.

Logo, uma vez que a informação veiculada por uma proposição não pode ser pareada e segmentada com os constituintes individuais das sentenças, Lambrecht (1996) prefere expressões mais específicas para demarcar os constituintes que veiculam os diferentes tipos de informação: “pressuposição” e “asserção”; de acordo com o autor, esses termos trazem consigo uma noção melhor de proposição.

A pressuposição pragmática deve ser entendida como um conteúdo recuperado de forma lexicogramatical em uma sentença, de modo que o falante julga que seu ouvinte já conhece ou consegue recuperar esse conteúdo no momento da enunciação dessa sentença. A “asserção”, por sua vez, não tem nada a ver com o seu uso comum, em que “fazer uma asserção” contrasta com fazer uma negação ou um questionamento, nem tampouco coincide com o seu uso como sinônimo de “declaração”, ou seja, com um termo que está relacionado a um tipo de ato de fala, opondo-se ao modo interrogativo, imperativo ou exclamativo. A asserção pragmática deve ser entendida como um conteúdo veiculado por uma sentença cujo conhecimento o falante julga que seu ouvinte ainda não tem e que passará a ter como resultado da ação de escutá-la.

Diante do que foi exposto até aqui, podemos salientar dois elementos de análise que se complementam: por um lado, a distinção entre *dado* e *novo* no fluxo informacional discursivo e, por outro, a forma como essa articulação (entre asserção e pressuposição) é realizada, levando em consideração o estatuto dos referentes discursivos e a sua expressão linguística.

Todavia, Ellen Prince (1981), realiza, sob aspectos textuais, uma discussão sobre esse modelo bipartido do fluxo informacional. Privilegiamos aqui, juntamente com o que apresentamos acima, a proposta de dessa autora pelos seguintes motivos: i) os seus postulados teóricos ainda são referência nas propostas atuais sobre o estudo do fluxo informacional do discurso em termos de *dado* e *novo*; ii) a sua proposta ultrapassa a

bipolaridade informacional associada tradicionalmente à bipartição *dado-novo*; iii) a sua proposta tipológica é funcionalmente central para a análise da veiculação dos constituintes clivados das construções clivadas no universo discursivo. Isso não significa, no entanto, que não vamos recorrer às contribuições de outros autores no sentido de complementar o quadro teórico traçado e a análise realizada na terceira parte desta pesquisa.

Sobre a discussão do fluxo informacional, a autora diz ser importante levar em consideração três níveis de "*givenness*", que se fundamentam nos princípios de previsibilidade/recuperabibilidade (KUNO, 1972 apud PRINCE, 1981), saliência (CLARK; HAVILAND, 1977 apud PRINCE, 1981) e conhecimento partilhado, os quais, apesar de distintos, se interligam da seguinte forma:

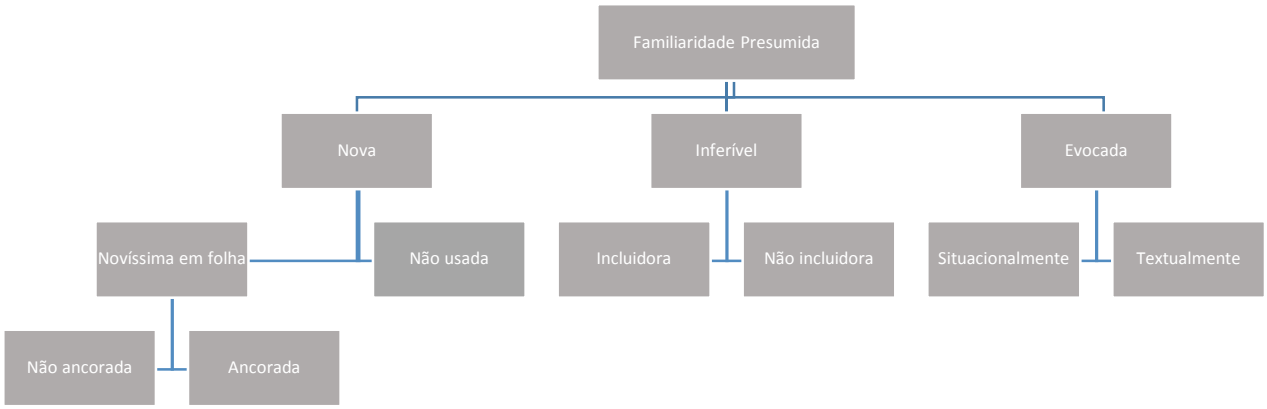
> Embora diferentes uns dos outros, previsibilidade, saliência e “conhecimento compartilhado” não são mutuamente independentes: se um falante assume que o ouvinte pode prever que algum item particular ou itens possam ocorrer em alguma posição particular em uma sentença, então, o falante deve assumir que é apropriado que o ouvinte tenha algo particular em sua consciência. E, se o falante assume que o ouvinte tenha alguma coisa em particular em sua consciência, então, aquele deve assumir que este tem alguma suposição ou pode ter alguma inferência. Além disso, todos os três níveis envolvem, às vezes, casos onde algum item é dado por razões extralinguísticas, mostrando que todos os níveis fazem relações com fenômenos extralinguísticos, em particular com aquilo que o falante pensa estar ou que poderia estar na mente do ouvinte (PRINCE, 1981, p. 231).

Assim, ao assumir que a forma como a informação é processada se realiza no âmbito da relação falante/ouvinte, Prince (1981) questiona-se sobre os problemas levantados pela sua consideração na perspectiva ouvinte/falante, sobretudo no que diz respeito ao conhecimento partilhado.

Com o objetivo de resolver essas questões, a autora propõe uma taxonomia que se fundamenta no postulado da Familiaridade Presumida, por meio da qual uma nova

categoria de entidades é introduzida no quadro do modelo discursivo, qual seja, o das entidades *inferíveis*. Assim, fica estabelecido o modelo tripartite da informação, que pode ser *nova*, *dada* (ou "evocada", nos termos da autora) e *inferível*. Dessa forma, Prince (1981) classifica as entidades discursivas de acordo com o seu estatuto no texto/discurso, apresentadas no Diagrama 1.

Diagrama 1 – Taxonomia de Prince.



Fonte: adaptado de Prince (1981, p. 237).

Resumidamente, temos que, para Prince (1981), as entidades **novas** são aquelas que foram introduzidas pela primeira vez no discurso, subdividindo-se em "**novíssimas em folha**" (entidades criadas a partir do texto) e "**não usadas**" (familiares ao ouvinte). As entidades novas do grupo "novíssimas em folha" podem ainda ser subdivididas em **não ancoradas** (não há qualquer elemento linguístico que as relacione a alguma outra entidade) ou **ancoradas** (há algum elemento linguístico fazendo essa relação com outra entidade). Por sua vez, as entidades que veiculam uma informação **inferível** são aquelas que são detectadas a partir de inferências, sendo divididas em dois tipos: as **incluidoras** (a informação inferida está contida dentro do próprio SN inferível) e as **não incluidoras** (o falante supõe que seu ouvinte tem a capacidade de deduzir, por raciocínio, outras entidades que já foram evocadas). Por fim, as entidades **evocadas** subdividem-se em: **situacionalmente evocadas** (recuperadas a partir do contexto extralinguístico) e **textualmente evocadas** (recuperadas a partir do texto precedente).

Vale dizer que Braga e Silva (1984) e Longhin (1999) também discutem o modelo de Prince (1981) para discutir o fluxo informacional realizado em construções clivadas do Português. Desse modelo, Braga e Silva (1984) destacam as vantagens de analisar as entidades mencionadas no texto ou que estão claramente presentes na situação

extralinguística, mas evidenciam algumas dificuldades de aplicação em alguns aspectos, como a relação da dicotomia da categoria *novo*. De acordo com Braga e Silva (1984), a categoria "não usada" deve ser abandonada, e que as "novíssimas em folha" (traduzidas por elas como "totalmente novas") sejam mantidas juntamente com as suas ramificações (ancoradas e não ancoradas).

Nossa pesquisa está em consonância maior com o que propõe Longhin (1999) para a análise do estatuto informacional nas clivadas. Para Longhin (1999, p. 124), o que realmente conta para a observação do fluxo informacional não é apenas a recuperação dos referentes em si, mas também a observação do momento em que ocorre essa recuperação, assumindo o pressuposto de que cada situação comunicativa é única e que "os referentes (ou entidades) podem estar envolvidos em transações conversacionais (assuntos/relações, no caso de discurso escrito) totalmente diferentes".

Assim, nesta pesquisa, assumimos, tal como Longhin (1999), que os estatutos informacionais dos constituintes focais das sentenças clivadas podem ser novos, dados ou inferíveis[5], de modo que os *novos* são aqueles não recuperáveis pelo contexto prévio (linguístico e extralinguístico) ou que estão em situações textuais/contextuais não óbvias, os *dados* são os claramente recuperáveis nesse mesmo contexto, e os *inferíveis* são aqueles que podem ser deduzidos por meio de outros tipos de associações.

2.1.2 Identificabilidade e ativação dos referentes do discurso

Nesta subseção, a par das considerações sobre o estatuto informacional dos constituintes, vamos nos ater a duas categorias mencionadas por Lambrecht (1994) que permitem que o ouvinte/leitor identifique e reconheça uma representação discursiva levando em consideração a estrutura informacional: a identificabilidade e a ativação dos referentes do discurso.

A identificabilidade diz respeito à identificação do referente, que leva em consideração a avaliação que o falante faz sobre o fato de a representação discursiva de um referente particular já estar armazenada na mente do ouvinte, ou não. Em outras palavras, essa categoria cognitiva faz que o falante sinta a necessidade de realizar uma

[5] Longhin (1999) prefere o termo "evocado". Nós, no entanto, utilizamos "dado" para fazer referência aos elementos recuperáveis no discurso.

descrição linguística que represente uma entidade quando produz uma asserção sobre essa entidade (que ainda não está representada na mente do ouvinte) (LAMBRECHT, 1994).

Para Lambrecht (1994), quando o ouvinte obtém esse novo referente discursivo em seu repertório mental, ele cria um novo arquivo referencial ao qual novas entidades podem ser adicionadas no decorrer do discurso. Assim, a identificação de um referente se traduz na capacidade de o ouvinte conseguir selecionar uma determinada entidade dentre várias outras que estão armazenadas em seu repertório, a qual se relaciona com o referente presente no repertório do falante. Isso quer dizer que um referente identificável é aquele cuja representação está compartilhada entre falante e ouvinte no momento do discurso; o referente não identificável é aquele cuja representação se dá apenas na mente do falante.

Lambrecht (1994) recorre a Chafe (1976) para discutir sobre a diferença entre as entidades que o falante supõe que já têm um "arquivo aberto" no registro do discurso e as entidades para as quais ainda não existam esses arquivos. É Chafe (1976) que admite o uso do termo "identificabilidade" para identificar os referentes cuja representação já está no repertório mental do ouvinte. Assim, para Lambrecht (1994), o que importa é que o ouvinte seja capaz de *identificar* o referente correto expresso no discurso em detrimento de todos os outros possíveis.

Nesse sentido, Lambrecht (1994) diz que, ao considerar o conjunto de representações que um falante acredita ter em comum com o seu interlocutor em um determinado momento do discurso, poder-se-ia supor que tudo aquilo que o ouvinte conhece/sabe pode ser considerado como "tudo aquilo que é pensado no momento da enunciação". No entanto, é evidente que essa suposição não se sustentaria, dada a imensidão de conhecimento arquivado na mente de uma pessoa. Saber da existência de algo e "estar pensando" nisso no momento da enunciação correspondem a estados mentais diferentes. Para processar as pressuposições suscitadas por uma sentença, o ouvinte não necessariamente precisa conhecer o conjunto de proposições pressupostas; o que ele precisa, na verdade, é ter fácil acesso a essas proposições e aos elementos que as compõem. É nesse sentido que Chafe (1976 apud LAMBRECHT, 1994) afirma que a informação veiculada por uma língua natural não envolve apenas conhecimento (que está relacionado à identificabilidade), como também a consciência (voltada à ativação). Para o autor, as diferenças entre esses estados mentais indicam importantes consequências

gramaticais, de modo que os referentes podem se dar sob a forma de ativados, semiativados e inativos.

Um referente ativado para Chafe (1976 apud LAMBRECHT, 1974) é aquele que é realçado em um determinado momento, ou seja, que está no foco da consciência em um instante particular; o semiativado (ou acessível) é aquele que está na "periferia" da consciência, cujo conhecimento se mostra como um "pano de fundo", não estando, assim, diretamente no foco da consciência; o referente inativo, por sua vez, está na memória de longo prazo.

A ativação, assim, é cessada quando outro referente for realçado na mente do interlocutor. Podemos, por exemplo, usar o pronome "ela" para nos referirmos a uma determinada entidade feminina enquanto estiver no centro da atenção dos participantes do discurso. A partir do momento em que a atenção dos participantes for direcionada para outra entidade, é bem provável que não se possa mais fazer uso desse pronome para se referir à mesma entidade feminina apresentada anteriormente.

De acordo com Lambrecht (1994), todos os pronomes têm referentes ativados, mas nem todos os referentes ativados são expressos de modo pronominal, isto é, eles podem aparecer como sintagmas nominais lexicais, e esses sintagmas lexicais podem ser definidos ou indefinidos. A seguir, apresentamos um exemplo baseado no que é apresentado por Lambrecht (1994), adaptado ao português:

(04) Acompanhei Maria e Ana ao consultório médico. Ela está doente.

(05) Acompanhei Maria e Ana ao consultório médico. Maria está doente.

Em (04), mais de um referente foi ativado por meio do pronome "ela", ocasionando a ambiguidade, uma vez que não fica claro quem de fato está doente (se Maria ou Ana). Nesse contexto específico, é melhor, então, referir-se à doente usando um SN lexical, como apresentado em (5).

Diz Lambrecht (1994) que a acessibilidade de um referente pode ser descrita em função de três fatores: a desativação de um estado anterior, em que o referente é acessível textualmente; a inferência a partir de um esquema cognitivo (ou *frame*[6]), em que o referente está inferencialmente acessível; e a presença no mundo externo ao texto, em que o referente se torna situacionalmente acessível.

Vale dizer que é com base nessa escala de acessibilidade que analisamos nossas ocorrências. Assim, se o constituinte focal de uma sentença clivada puder ser acessível seja de forma textual, inferencial ou situacionalmente acessível, nós o consideraremos como [+ ativado]. Isso vem ao encontro de uma de nossas hipóteses que se fundamenta no fato de que constituintes +ativados, como vimos, nem sempre veiculam informações dadas ou acessíveis, o que pode interferir no uso de um determinado tipo de sentença clivada. Nossos resultados estatísticos com relação a esse fator estão descritos na Seção 4.

Agora, apresentamos, na subseção a seguir, o que estamos considerando nesta pesquisa como construção clivada e quais os tipos dessa construção que serão focados na análise. Assim, na próxima subseção, introduzimos esses conceitos e o modelo teórico por nós utilizado

2.2 Clivagem

Como vimos na subseção anterior, as línguas naturais têm diferentes maneiras de organizar e marcar o fluxo informacional veiculado por suas sentenças. Vimos, ainda, que essas perspectivas podem estar relacionadas a questões de proeminência prosódica especial (constituída por um acento enfático), de inversão dos constituintes na sentença (diferindo do que está postulado como ordem canônica), de marcação por partículas que distinguem o foco de outros elementos da estrutura, e, especialmente para esta pesquisa,

[6] A proposta de Lambrecht (1994) está evidentemente inserida na semântica de *frames*, de Fillmore (1977), que justamente parte do pressuposto de que o sentido de toda expressão linguística está associado a um *frame*, o qual, por sua vez, parte do nosso conhecimento enciclopédico. Um *frame*, segundo Fillmore (1977), seria uma esquematização da experiência, representada no nível conceitual e armazenada na memória de longo prazo, em que se relacionam elementos e entidades associadas a uma cena específica da experiência humana, contextualizada culturalmente. Por exemplo, se a expressão *"festa de aniversário"* for enunciada, um *frame* será ativado, o que tornará referentes como "bolo", "vela" e até mesmo "os parabéns" como termos inferencialmente acessíveis.

de tipos especiais de construções que marcam um determinado constituinte como tendo a função de foco.

Um desses “tipos especiais de construções” que marcam um determinado constituinte que funciona como foco da sentença no português é a clivagem, que é uma estrutura sintática por meio da qual os falantes da língua que dispõem desse recurso colocam em relevo, de modo não ambíguo, a informação que avaliam como sendo mais significativa em suas mensagens (LONGHIN, 1999). De acordo com Longhin (1999, p. 11), “a clivagem é uma das formas de indicar que nem todos os elementos de um enunciado têm as mesmas funções comunicativas”.

É sabido que nem tudo na gramática da língua pode ser explicado exclusivamente por meio da sintaxe pura. Esta, é claro, contribui em grande medida. No caso da clivagem, por exemplo, se a analisássemos por essa perspectiva, diríamos que seria, talvez, uma oração subordinada? Isso não pode ser categoricamente afirmado pelo fato de sua articulação não estar ligada puramente à estrutura sintática. A motivação da clivagem é **pragmática**. Como vimos na subseção anterior, o fato de dizer que uma sentença se subdivide em tema e rema já se configura como uma divisão da estrutura informacional. A clivagem acentua ainda mais essa cisão, porque enfatiza essa relação entre tema e rema. Assim, como dissemos, a Estrutura Informacional deve ser tomada como um componente da Gramática, sendo determinante para a estrutura formal das sentenças. Por meio da clivagem, a Estrutura Informacional apresenta-se como fator fundamental para estruturar diferentes tipos de sentenças do português.

Na literatura linguística, a clivagem tem sido descrita como a divisão da sentença, em duas partes, por meio do verbo “ser” e do complementizador “que” (ou “quem”). Há aqueles, inclusive, que a chamam de oração cindida (como ILARI, 1992), suscitando essa ideia de cisão da sentença em dois blocos informacionais. Diz-se que uma dessas partes é focal, e a outra, não focal.

De acordo com Longhin (1999), as sentenças clivadas do português têm uma relação direta com as *it-clefts* do inglês; as pseudoclivadas, por sua vez, correspondem às *wh-clefts*. Apresentamos, a seguir, essas sentenças que compartilham configurações similares em ambas as línguas:

(06) A. *It was John's watch that Peter found in the garden*. (*it-cleft*).

B. Foi o relógio do John que o Peter encontrou no jardim. (clivada).

(07) A. *What Peter found in the garden was John's watch*. (*wh-cleft*).

B. O que o Peter encontrou no jardim foi o relógio do John. (pseudoclivada).

Grosso modo, o que diferencia ambas as construções à primeira vista é o fato de, nas clivadas, fazermos uso do complementizador "que" e, nas pseudoclivadas, o uso de outros pronomes relativos, como "o que", "quem" etc. Essa distinção, obviamente, é muito rasa e vamos discuti-la.

A princípio, vale dizer que o estudo das clivadas já está em pauta há bastante tempo. Jespersen (1949), citado por Lambrecht (2001), já dizia que a clivagem de uma sentença é realizada por meio de "*it is*" (bem próximo ao nosso "é que"), sendo comumente seguido por um pronome relativo ou outro conectivo, e tendo por finalidade destacar um elemento particular e, com frequência, ao voltar a sua atenção para ele, colocá-lo em foco para marcar contraste (p. 3).

Assim, é por meio da clivagem que os elementos da sentença são separados, de modo explícito, em diferentes níveis de informação, o que permite realçar ou pôr em foco determinadas partes da informação que os falantes julgam ser mais importantes ou significativas no momento da comunicação.

A seguir, apresentamos um exemplo da diferença entre uma sentença considerada "canônica" pela tradição e uma clivada:

(08) (a) Ela ouve cantigas de roda todos os dias.

(b) É ela que ouve cantigas de roda todos os dias.

Nesse caso, a frase colocada em (08a) configura-se como uma sentença canônica do português, e (08b), como uma sentença clivada. Quando observamos ambas as sentenças de (08) percebemos, de maneira óbvia, uma diferença sintática entre elas; no entanto, elas contêm o mesmo sujeito ("ela"), o mesmo verbo ("ouve"), o mesmo objeto ("cantigas de roda") e o mesmo circunstancial ("todos os dias"). Se nos aventurarmos

para além do nível sintático, poderemos perceber que, pragmaticamente, a sentença clivada “destaca, põe em relevo, realça, focaliza” um constituinte de seu enunciado. É possível notarmos que os contextos em que a sentença clivada pode ser utilizada tendem a ser mais restritos do que os das sentenças não clivadas. Num procedimento de reflexão simples sobre os pares pergunta-resposta, temos que (08a) poderia servir como resposta a questões como:

i. O que ela ouve?
ii. Quem ouve cantigas de roda?
iii. Quando ela ouve cantigas de roda?
iv. O que ela faz todos os dias?

Todas essas questões, no entanto, não se aplicam à sentença clivada. A única aplicável é a pergunta (ii), o que mostra o contexto mais restrito de seu uso. Além disso, pode-se perceber que, das duas sentenças apresentadas anteriormente, apenas a clivada suscita uma relação de contraste com outras entidades que poderiam ter ocupado o lugar de foco. No que tange aos aspectos semânticos, é a sentença clivada que traz a pressuposição de que “alguém ouve cantigas de roda todos os dias”; e, com relação a essa afirmação, não é possível fazer qualquer questionamento, de modo que se pode questionar apenas a “identidade” de quem “ouve cantigas de roda todos os dias”. Nesse sentido, Longhin (1999, p. 13) afirma que, para que haja coerência entre os pares, “é necessário que a pergunta e a resposta compartilhem a mesma pressuposição”.

Longhin e Ilari (2000) buscam em Halliday (1967) um arcabouço teórico fino que os ajuda a descrever esse tipo de construção no português. Na seção anterior, baseamo-nos na opção de Informação de Halliday (1967) para discutir a questão da veiculação informativa pela oração. No que se refere à formação e função das clivadas na língua, Longhin e Ilari (2000) detêm-se em outras duas opções do conjunto que compõe o Sistema de Tema de Halliday (1967): a Predicação e a Identificação. De acordo com os autores, aquilo a que Halliday (1967) chama de sentenças identificadoras e predicativas apresenta uma relação muito similar às clivadas e pseudoclivadas do português, respectivamente.

Em Halliday (1967), as sentenças identificadoras estão dentro do grupo das orações equacionais (ou seja, fazem uso de verbos de 2ª classe – também chamadas de "efetivas"), em que há a possibilidade de reversibilidade e sempre respondem a questões

de identificação. Essas orações podem ser parafraseadas por "identifica" ou "é identificável como", ou, ainda, "pode ser igualado com".

Para se reconhecer uma identificadora, Halliday (1967) afirma que é preciso que a sentença equacional apresente uma nominalização. Essa nominalização contém um elemento "wh", construída a partir de uma oração não equacional. Desse modo, por exemplo, na sentença identificadora "*What John saw was the play*", a nominalização é realizada por "*What John saw*", em que há a presença dos constituintes que compõem o "identificando" da sentença, ou seja, "a coisa a ser identificada". A contraparte do identificando é o identificador, que é o elemento por meio do qual o identificando é identificado. Quer dizer, o identificando sempre vai preencher o espaço do elemento "wh" (se tomarmos um processo de reflexão que parte do exercício pergunta-resposta), constituído geralmente por apenas um constituinte (*What John saw? John saw* <u>*the play*</u>).

Assim, em "*What John saw was the play*", "*the play*" é o identificador, porque, na situação comunicativa, carrega a noção de "exclusividade". Logo, "*the play*", e nada mais além disso, é a opção escolhida por John, excluindo quaisquer outras possibilidades sugeridas pelo contexto (HALLIDAY, 1967).

É importante notar, ainda, que toda identificadora apresenta uma possível contrapartida não identificadora. Então, se assumirmos que "*What John saw was the play*" é uma identificadora, é preciso que a sua contraparte seja possível na língua de forma não identificadora, como "*John saw the play*" (HALLIDAY, 1967).

De acordo com Longhin e Ilari (2000, p. 201-202), se quisermos encontrar uma boa definição das "pseudoclivadas" no modelo de Halliday (1967), devemos nos concentrar nos seguintes pontos:

> A pseudoclivagem (na terminologia de Halliday, "identificação"):
>
> i. lança mão do molde proporcionado pelo verbo *be* da classe-2 para reorganizar os constituintes de sua contraparte (que é geralmente uma sentença não-identificadora), em dois segmentos que passam a exercer as funções de identificando e identificador;
>
> ii. cria construções equacionais, dotadas da propriedade sintática da "reversão";

> iii. constrói o identificando como uma "nominalização", isto é, uma construção em que o verbo da sentença-contraparte foi subordinado a um núcleo de natureza nominal;
>
> iv. dispara-se a interpretação implícita de que, para identificar um determinado participante, basta sua participação em determinado processo;
>
> v. atribui aos dois termos que acompanham o verbo *be* da classe-2 os papéis distintos de variável e valor (definidos no sistema da transitividade), e faz que o identificando coincida com o valor.

Quanto à opção temática da *predicação* de Halliday (1967), construções como "*It was John who broke the window*" se parecem em muitos aspectos com as identificadoras, mas contêm elementos que são decisivos para que se definam como construções diferentes. Quanto aos aspectos semelhantes, as predicativas, assim como as identificadoras, também possuem uma estrutura equacional com verbo *be* de 2ª classe e apresentam uma contraparte não equacional (*John broke the window*). Nesse caso, "John" funciona como identificador, e a nominalização "*it... who broke the window*", como identificando.

Longhin (1999, p. 44) diz que, de modo estrutural, a predicação de Halliday (1967) "mapeia a função de identificador sobre aquela de tema, dando a este uma proeminência explícita em termos de exclusão". Assim, no exemplo dado, é "John" (e não outro) que está sendo considerado na predicação. Isso mostra que as predicativas também evidenciam uma noção de contraste por exclusividade.

Apesar de predicativas e identificadoras parecerem muito próximas, Halliday (1967) diz que o que diferencia ambas é o tipo de proeminência que elas expressam: nas identificadoras, a proeminência é cognitiva (John, e nenhum outro, quebrou a vidraça); nas predicativas, temática (John, e nenhum outro, é o tema da sentença). Dessa forma, de acordo com Longhin e Ilari (2000, p. 203), "a proeminência temática é uma forma de informação nova e, portanto, o elemento 'predicado' carrega o foco informativo na opção não-marcada".

Portanto, se tomarmos essa caracterização das predicativas como concernente às clivadas do inglês, estas devem seguir a seguinte condição: "A clivagem é uma operação sintática por meio da qual se enfatiza o tema da sentença. Ela se aplica a sentenças não (necessariamente) equacionais e resulta em estruturas equacionais, que,

portanto, podem ser segmentadas em identificando e identificador" (LONGHIN; ILARI, 2000, p. 203).

Vale dizer, contudo, que a clivagem se realiza no português de modo um pouco mais abrangente do que no inglês (considerando as *it-clefts* e as *wh-clefts*), com sensíveis diferenças funcionais. Todavia, as noções dadas por Halliday (1967) servem para considerarmos relações fundamentais entre as famílias de construções que fazem uso da clivagem. Não vamos listar aqui todos os tipos de estruturas clivadas e pseudoclivadas encontrados em nossa língua, até mesmo porque as nomenclaturas e os objetivos de análise e descrição variam muito entre os autores dessa área. Se recorrermos a Braga (2009), grande estudiosa das construções clivadas do português do Brasil, poderemos ver que essas construções, tanto em modalidades de enunciação falada ou escrita, abarcam uma grande quantidade de estruturas que têm em comum algumas propriedades funcionais e formais, mas que apresentam, também, diferenças consideráveis, o que sugere uma inadequação de caracterizar de forma única todas as suas configurações.

A autora é uma das que afirmam que não existe um consenso sobre o estatuto sintático das clivadas na literatura linguística. De um lado, há aqueles que defendem que sua estrutura é composta por uma oração complexa, de modo que o verbo copular *ser* configura uma oração, e o verbo principal da relativa, outra; existem, em contrapartida, aqueles que sustentam que as clivadas são constituídas por uma oração simples, apesar de apresentarem dois verbos. Nesse sentido, Braga (2009) afirma que essa falta de consenso sobre a caracterização e o papel funcional dos segmentos que compõem as clivadas parece surgir do fato de que esse rótulo...

> [...] abriga uma família de construções que compartilham algumas propriedades formais e funcionais e divergem quanto a outras. O português do Brasil ilustra bem a dificuldade que mencionamos. Nesta língua, podem-se identificar duas “famílias” de construções clivadas, cujos membros centrais seriam as Clivadas, correspondentes às It-clefts do inglês, e as Pseudoclivadas, correspondentes às Wh-clefts. Em derredor da primeira estratégia gravitam as chamadas Construções É que e as Construções Que (BRAGA, 1989); em derredor da segunda, gravitam as Pseudo Clivadas Invertidas, as Pseudo Clivadas Extrapostas e as Construções Foco Ser (BRAGA, 1989).

> Subjaz a essa distinção, o estatuto das palavras Qu e/ou verbo Ser (BRAGA, 2009, p. 180).

A autora propõe, então, a seguinte divisão das sentenças clivadas do português:

> (1) Clivadas
> E: Mas aí quando você for mudar para... qual é o bairro que você quer ir?
>
> F: Não sei, aí vai depender do problema financeiro. *É Isso que vai ter que ver primeiro*. [...]
>
> (2) Construção É QUE
>
> F: Mas aparece muita lanternagem. *LanterNAgem É QUE tem muita*. [...]
>
> (3) Construção QUE
>
> F: Baiano não fala muito mal, não. Ruim pra falar é paraíba. *Os paraíba BRAbo lá do fundo que... que fala mal*. [...]
>
> (4) Pseudoclivadas
>
> F: E eu não estava com a chave. *Quem estava com a chave era o jardineiro.* [...]
>
> (5) Pseudoclivadas Invertidas
>
> F: ... ela também estraga mais depressa então você tem que por no congelador. Então... *BIfe é o que mais caro sai hoje em dia na cozinha*. Porque você suja o fogão. [...]
>
> (6) Pseudoclivadas Extrapostas
>
> F: Eu digo: "Olha, *não fui EU quem tirou a medida*, foi sua mãe." [...]
>
> (7) Foco Ser
>
> F: Os meus foram amamentados de início assim, mas como eu não tinha muito leite, não dava para nada, eles choravam mesmo, que era pouco, quer dizer que *tinha que fazer era mamadeira MESmo*. [...] (BRAGA, 2009, p. 180-181, grifos da autora).[7]

[7] As ocorrências apresentadas por Braga (2009) provêm de um conjunto de 20 entrevistas da Amostra-80, que é parte do acervo do PEUL, Projeto de Estudos do Uso da Língua, sediado na UFRJ.

Nos exemplos dados por Braga (2009) acima, é colocada em maiúscula a sílaba da palavra sobre a qual incide o pico acentual e, em itálico, a sentença clivada/pseudoclivada. Vale dizer que essa descrição das construções é baseada em Prince (1978) e em Braga (1989).

Nesta pesquisa, contudo, seguimos a divisão proposta por Longhin (1999). A linguista, apesar de também ter se baseado estruturalmente em Prince (1978) e terminologicamente em Braga (1989), inclui as clivadas e as pseudoclivadas sob a expressão "variantes ou alternantes clivadas". Além disso, as sentenças nomeadas por Braga (1989) como Pseudoclivadas Invertidas e Pseudoclivadas Extrapostas são consideradas por Longhin (1999), respectivamente, como variantes das construções É Que e das construções Clivadas propriamente ditas, uma vez que, sintática e discursivamente, elas se assemelham muito umas às outras, o que justifica esse tratamento. Então, exemplificamos, a seguir, as subdivisões das sentenças clivadas encontradas por Longhin (1999) em córpus de língua falada (ocorrências 09, 11, 13, 15 e 17) e mostramos, na sequência, exemplos das mesmas estruturas encontradas em nosso córpus de escrita (ocorrências 10, 12, 14, 16 e 18). Adiantamos a apresentação dos nossos dados já nesta seção a fim de mostrar que, embora a clivagem seja um processo mais abundante na fala, os tipos descritos a partir de dados de fala também são encontrados na escrita:

Clivadas Propriamente Ditas (CLIV)

Ser ***C¹*** *QU S-C¹* (em que C¹ é o Constituinte Focal e S-C¹ é a sentença menos o constituinte focal)

(09) Paulo: Então, no momento em que se toca na novidade, ela se afirma realmente, e os outros compreendem - e isso está se dando inclusive em nível internacional. *É* ***o mundo todo*** *que está assim*. A reação, por exemplo, dos operários poloneses é uma intensa novidade que faz muito tempo que precisava estar existindo (LONGHIN, 1999, p. 13).

(10) O artigo de Modesto Carvalhosa ("Retrocesso à vista", Tendências /Debates, 10/1) é um vigoroso protesto contra o absurdo parecer do serviço técnico do Condephaat propondo o arquivamento do processo de tombamento da serra da Mantiqueira. Ali estão

protegidos ecossistemas de encosta da Mata Atlântica, que garantem sua estabilidade geológica e preservam mananciais de água de grande significado social.

É ***nesse verdadeiro santuário*** *que encontramos diversas cachoeiras*, uma das mais altas montanhas do Brasil e nosso mais antigo parque nacional. Espera-se, como um ato de patriotismo, que o Conselho do Condephaat repudie essa proposta indecorosa.[8]

Construções É Que (É QUE)

C¹ *ser QU S-C¹*

(11) FHC: Fiquei muito impressionado com a física. A física também tinha estagnado depois de um grande avanço, depois da física nuclear, e não estava produzindo coisa nova. O novo vinha da genética. De fato, ***a genética*** *é que produziu uma série de transformações*, a biogenética etc. Pois bem, a sociologia também passa por um período semelhante (LONGHIN, 1999, p. 14).

(12) "Eu respondi: Se você colocar, não; ***se eu colocar*** *é que é arte'*. Passei perto de apanhar", escreveu Bruscky.[9]

Construções Que (QUE)

C¹ *que S-C¹*

(13) FHC: Essa força o intelectual tem, quando está na política: ele pode ficar contra todos. Já o político normalmente não gosta de ficar contra - ele gosta de ir na maré, porque ficar contra é ficar sozinho, é se isolar. Mas esse isolamento tem uma vantagem mais adiante, porque permite a você romper. O intelectual, na política, rompe mais facilmente,

---

[8] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/147359-painel-do-leitor.shtml>. Acesso em: 21 mar. 2014.

[9] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/146593-cara-a-tapa.shtml>. Acesso em: 25 mar. 2014.

por isso *que os outros desconfiam mais dele*. De mim, por exemplo, sempre se desconfia na política, muitas vezes até nem se sabe por quê (LONGHIN, 1999, p. 14).

(14) E sabe por que tributo se chama tributo? Porque vem de três em três. Três de manhã, três à tarde e três à noite. De três em três horas! Rarará. De tanto tributo, já estou ficando triputo. Triputo da Vida! ***Por isso*** *que a árvore símbolo do Brasil é o ipê*; ipêVA, ipêTU, ipêrtensão. Tô com ipêrtensão de tanto ipê pra pagar. IPERTENSO![10].

Pseudoclivadas (PC)

Quem/ O que S-C¹ ser ***C¹***

(15) Haroldo: Estou repetindo imperfeitamente os termos do Paz, mas basta ler a primeira carta que ele me dirige em resposta à minha carta de indagação e provocação: "*Quem faz realmente esta poesia sintética e ideogrâmica são* ***os senhores***, não é Mallarmé nem é Pound, são os senhores. O recurso contra o discurso" (LONGHIN, 1999, p. 14).

(16) Que fique claro: ninguém pode contestar o direito de Campos aliar-se com quem quiser. Se há alguma coisa em que o Brasil é insuperável é na, vamos dizer, elasticidade das composições partidárias. Do governo federal às administrações locais, é possível encontrar misturas que desafiam tanto a coerência de programas quanto os limites da análise combinatória. Alianças sempre, evidentemente, "em nome do interesse do povo". *O que se discute mais uma vez é* ***a propaganda enganosa***[11].

Foco Ser (SER)

S-C¹ ser ***C¹***

(17) Hélio: Nos meios empresariais, atualmente, existe também, por manifestações muito amplas que tenho recebido, grande coincidência com esse ponto de vista. E tenho

[10] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/146872-socuerro-chegou-meu-ipvagua.shtml>. Acesso em: 13 mar. 2014.

[11] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/146522-o-psdb-de-campos-e-marina.shtml>. Acesso em: 22 mar. 2014

encontrado ainda coincidência no sindicalismo moderno. Agora, *eu encontro é* ***uma certa ataraxia por parte da classe política no sindicalismo moderno*** (LONGHIN, 1999, p. 14).

(18) "Com Breaking Bad", por exemplo, a crítica foi um chamariz importante. Outro parceiro fantástico foi a web. Resolvemos passar a série de novo desde o começo", afirma Alberto Niccoli, gerente geral da Sony no Brasil. "*Queremos é* ***que fortaleça o canal***". [12]

Nos exemplos, foi padronizada a mesma formatação adotada por Longhin (1999): toda a sentença clivada é colocada em itálico; as marcas formais de clivagem são sublinhadas; e, em negrito, estão os constituintes focais das sentenças.

Enfatizamos que, neste trabalho, todas as ocorrências das estruturas clivadas do português brasileiro foram retiradas de contextos formais de língua escrita. Longhin (1999), ao analisar diversas gramáticas tradicionais e descritivas, pôde perceber que, embora algumas gramáticas já façam alguma reflexão sobre essa construção, muitas delas não se preocupam em analisar as variantes clivadas encontradas na língua, sobretudo as normativas. Muitas delas, aliás, nem citam essas estruturas.

De acordo com Almeida e Roncarati (2007), os estudos na área da clivagem costumam estar voltados ou à linha formalista, por meio de análises gerativistas, como apresentado em Modesto (2001), ou à linha funcionalista com ênfase no estatuto informacional (NEVES, 2001; BERLINCK, 1999), ou, ainda, a um tratamento marginal na linha gramatical, que considera tais expressões como sendo de realce ou expletivas. Há quem defenda que são fenômenos associados exclusivamente ao processamento linguístico da fala; outros admitem que tais sentenças estão migrando da fala para a escrita (BRAGA, 1999; ALMEIDA; RONCARATI, 2003), outros as ignoram (BECHARA, 2003; CUNHA; CINTRA, 2001) e, finalmente, outros já as incluem em suas gramáticas, como Perini (1995), Neves (2001) e Mateus et al. (2003)

É fato que, há muito, se pensava que as construções clivadas eram específicas da língua falada, ocorrendo na escrita apenas sob a condição de “desvio da norma

[12] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/146010-canais-tentam-encurtar-atraso-de-series.shtml>. Acesso em: 4 abr. 2014.

padrão”. No entanto, dado que todas as nossas ocorrências foram retiradas de textos escritos de um jornal de grande veiculação em território nacional, essa noção de “desvio” não se encaixa com lógica alguma. Pode-se dizer, talvez, que essas construções são bem mais abundantes na fala – o que só seria comprovado por meio de um estudo comparativo. Mas o fato de dizer que elas são exclusivas dessa modalidade configura uma grande inverdade.

De qualquer forma, as clivadas na língua se configuram como um tipo especial de construção que define um constituinte específico como aquele que tem a função de foco na sentença, marcando uma expressão de contraste evidente. Na subseção a seguir, vamos discutir melhor essa relação de contraste suscitada pelas construções clivadas e delimitar como consideraremos esse fenômeno para a análise que ora nos propomos a realizar.

2.2.1 A expressão de contraste nas construções clivadas

Como dissemos na subseção anterior, o constituinte focal das sentenças clivadas sempre apresenta alguma relação de contraste. O contraste, que é uma relação semântica entre os referentes do discurso em que se faz uma comparação natural entre eles, pode ser estudado sob diferentes enfoques. Apresentaremos aqui como consideraremos esse fenômeno para a análise de nosso córpus.

Bolinger (1961 apud BRAGA, 2009, p. 188) explica o contraste como "fenômeno por meio do qual dois ou mais itens são contrabalançados e é indicada a preferência por algum ou vários membros do grupo". No entanto, o autor ressalta que só haverá *acento contrastivo* (*contrasctive accent*) se a quantidade de candidatos que ocupam a posição contrastiva for limitada.

Sob o viés cognitivo, Chafe (1976) determina o contraste como o meio pelo qual se seleciona um elemento para determinado papel, em oposição a outros elementos possíveis. Para o autor, o fenômeno de contrastividade leva em consideração: (i) o conhecimento pressuposto, que é entendido como dado; a quantidade (limitada) de possíveis elementos para exercer o papel em questão; e a asserção que faz o contraste entre o elemento considerado como "correto" e os outros possíveis elementos do discurso. Pezzati (2012, p. 85) afirma que o exercício cognitivo que o falante faz nesse sentido seria mais os menos ao que ela propõe: “eu acredito que você acredita que algo aconteceu, que você tem um conjunto limitado de candidatos na mente e eu digo a você que esse alguém

é alguém específico, em vez de outro”. Assim, essa indicação feita pelo emissor ao receptor indicando uma alternativa correta dentre outras possíveis constitui o foco de contraste. De acordo com Chafe (1976), as construções clivadas correspondem a um tipo de estrutura em que o contraste sempre é sinalizado.

Taglicht (1984 apud BRAGA, 2009), por sua vez, trabalha com a noção de contraste levando em consideração as perspectivas entoacional e contextual. Para o autor, um elemento contrastivo é aquele selecionado entre um par de opostos. Essa oposição é vista sob um viés pragmático-contextual, de modo que pode ser representada sob duas formas: na estrutura semântica (positivo e negativo; quente e frio, por exemplo) e no uso de elementos sintaticamente paralelos (por exemplo: João é rico e José, pobre) (apud BRAGA, 2009).

De acordo com Taglicht (1984 apud BRAGA, 2008), o contraste pode ser implícito ou explícito. Será explícito se os membros que fazem parte do par de opostos estiverem presentes no enunciado; será implícito se apenas um desses membros puder ser identificado.

Braga (1992, p. 176) apresenta a seguinte ocorrência para exemplificar uma relação de contraste explícito em uma É QUE:

> E: Mas você cozinha. E você deve ter algum prato que os seus fregueses gostam mais.
>
> F: ==
>
> E: Qual é?
>
> F: Ah, **eu** não cozinho não. ***A minha tia*** *<u>é que</u> cozinha*. (grifos nossos).

Nesse trecho, os opostos explícitos são "eu" e "a minha tia", marcados em negrito. Além disso, de acordo com Braga (1995), esse trecho envolve o uso de estruturas paralelas, o que facilita a percepção contrastiva.

Para explicitar um uso de opostos implícitos, Longhin (1999, p. 169) apresenta este exemplo:

> (133) Augusto: O representante da posição modernista, de linha mais conservadora do modernismo era, àquela altura, o Sérgio Milliet, que foi o padrinho da revista Clima dos

> "chato-boys", que de certa forma se opuseram desde o início, estabelecendo uma relação de oposição com o Oswald na medida em que representavam o correspondente crítico, o correspondente na linha crítica da geração de 45.
>
> Décio: Contraditoriamente, *foi* ***o Sérgio Milliet*** *quem me lançou* ...
>
> Augusto: Sim, ele lançou uma exposição geral e o teu poema entrou aí... (Certas Palavras· Augusto e Haroldo de Campos e Oécio Pignatari, p. 328).

Nesse trecho, podemos notar que a sentença clivada sugere uma noção de contraste entre o seu constituinte focal (*o Sérgio Milliet)* e outros elementos possíveis que não são explicitados. Nesse sentido, é apresentada a asserção de que é o "Sérgio Milliet" e não outro(s) que lançou Décio. De acordo com Longhin (1999), embora possa parecer difícil saber se há mesmo contraste em situações como essa (tendo em vista que não sabemos as intenções do falante, ou seja, se ele realmente quis estabelecer esse contraste), é a estrutura da sentença clivada que estabelece essa **possibilidade** de contraste.

Em nossa pesquisa, utilizaremos, assim como Braga (1991; 1992; 2009) e Longhin (2009) essa visão de Taglicht (1984) sobre contraste aplicando-a às construções clivadas. No entanto, assumiremos, assim como Longhin (1999), o ponto de vista de que nossa análise é realizada no nível discursivo, ou seja, consideraremos o contraste veiculado pelo constituinte focal das clivadas quanto às porções textuais anteriores ou posteriores a elas. Assim, se os membros do par de opostos puderem ser recuperados pelo contexto, consideramos um contraste explícito; se apenas um deles estiver evidente, haverá, para nós, contraste implícito.

3 METODOLOGIA

Nesta seção, apresentamos a descrição do córpus utilizado neste trabalho, bem como a metodologia usada para a coleta e a análise dos dados.

Nosso córpus é composto por ocorrências extraídas de textos escritos. Decidimos utilizar a modalidade de enunciação escrita para o tratamento das construções clivadas com a finalidade de apresentar uma discussão sobre os fatos da língua em uso fugindo do tradicional ponto de vista analítico na abordagem funcionalista que tem conferido primazia à fala. É fato que, desde os estudos pioneiros de Labov (2008), se tem criado a imagem de que é na língua falada que podemos encontrar as condições de mudança linguística (apud LONGHIN; RODRIGUES, 2013).

Por exemplo, o fenômeno por nós estudado, a saber, as construções clivadas, que são abundantemente encontradas na fala, também ocorrem, de todas as formas, em contextos escritos. Por que é importante, então, olharmos para a escrita quando pensamos em Estrutura Informacional? Essa discussão pode se iniciar ao retomarmos o desdobramento dos estudos funcionalistas desenvolvidos pela Escola Linguística de Praga na década de 1930. Nesse período, houve o rompimento com o modelo estruturalista adotado até então, o qual trabalhava, sobretudo, como modelos de pesquisa diacrônicos, a partir de textos escritos ou, até mesmo, dados inventados de língua, com a finalidade de instituir a sincronia como objeto de análise.

Com o rompimento desse modelo, os estudos funcionalistas consideraram a língua sobretudo como interação e voltaram-se à análise de dados recolhidos em situações reais de uso de língua falada, mais especificamente, de língua vernácula, acreditando-se que nesta é que se poderia flagrar o “fazer-se real” da língua, e não apenas no sistema, na estrutura. Com isso, a escrita, descrita como detentora de um alto nível de planejamento, passou a ser considerada como uma refreadora desse processo; isso conferiu a ela um estatuto marginal na investigação linguística funcional (LONGHIN; RODRIGUES, 2013).

Além disso, a escrita passou a carregar consigo uma “condição de artificialidade”, como se tudo o que fosse produzido por seu intermédio fosse premeditado, realizado dentro um molde padrão único. O uso real da língua passou a ser exclusividade, então, da fala. Por isso, fala e escrita passaram a se localizar em espaços

completamente distantes, a ponto de se configurarem como “modalidades” completamente distintas.

Logo, embora ainda pareça se manter forte o imaginário do senso comum de que há um abismo entre ambas as modalidades de enunciação, deve-se levar em consideração que os seus gêneros se entrecruzam em alguma medida. O universo da língua, da mesma forma como os separa, também os aglutina; eles têm diferenças, mas há semelhanças que os colocam em um mesmo território. Estudos como os desenvolvidos por Neves (2001), por exemplo, atestam que a pesquisa sobre o funcionamento da língua deve se dar, também, por meio de ocorrências extraídas de textos escritos.

No caso do estudo funcionalista das sentenças clivadas, então, devemos observar como elas se comportam no contexto escrito. Assim como estão presentes no discurso oral, com maior ou menor grau de formalidade, elas também são abundantes em jornais, revistas, livros, cartazes, textos publicitários etc.

Portanto, a análise do fenômeno da clivagem sob as perspectivas da comparação entre fala, escrita e gêneros textuais[13] contribui sobremaneira para o completo entendimento dessas construções, quebrando o mito de que estas se configuram como marcas de oralidade, afirmando, mesmo que indiretamente, que esse fenômeno estaria apenas voltado para o processamento linguístico da fala.

Por exemplo, Braga (1999) fornece evidências claras de que as pseudoclivadas (PC) e as clivadas (CLIV) são frequentes na escrita, ao passo que suas alternantes É QUE e SER ainda são preferidas na fala, embora, recentemente, já tenham começado a aparecer em alguns textos jornalísticos escritos.

Portanto, fala e escrita não são consideradas como espaços de produção linguística diferentes, de forma que não se deve pensar a fala como fonte única de onde emergem novas construções linguísticas, que seriam cristalizadas na língua por meio da escrita. Assim como na fala, os textos escritos também apresentam mudança e variação não no sentido de que marcas de oralidade foram utilizadas em sua elaboração, e sim que se modificam naturalmente porque também se configuram como língua em uso. Dessa forma, os diferentes usos de gêneros textuais, por diferentes indivíduos, em diferentes

---

[13] A comparação que fazemos entre os resultados obtidos por meio de *corpora* falados e escritos se dá de forma indireta, ou seja, cotejamos o que foi descrito em trabalhos anteriores que utilizam a fala como fonte de busca de realizações linguísticas com o que obtivemos por meio da descrição de nossas ocorrências recortadas do contexto escrito.

espaços e em tempos distintos contribuem para que a mudança e a variação linguística aconteçam, também, na escrita.

Por essa razão, preferimos utilizar uma fonte de textos escritos de grande circulação nacional e que fosse acessada pela maioria das classes sociais brasileiras. Então, escolhemos o Jornal *Folha de S. Paulo*, que apresenta diversos textos jornalísticos e de opinião, com veiculação nacional e diária. Vale dizer que esse periódico foi fundado em 1921 e, desde a década de 1980, é o mais vendido entre os diários nacionais de interesse geral. Nesta pesquisa, foram utilizados os textos publicados no modelo impresso do jornal; esse conteúdo, porém, também é disponibilizado em seção virtual específica para assinantes. É por essa razão que, como fonte para cada uma das ocorrências, colocamos a referência do *link* virtual de acesso.

A busca pelas ocorrências foi realizada a partir dos principais cadernos do jornal, a saber:

- *Opinião*: caderno voltado a apresentar a opinião política e pública de colunistas associados ao jornal. Os textos trazem as impressões pessoais de forma argumentativa dos seus escritores, tratando desde questões filosóficas, até questões políticas e de fatos atuais sobre o país e o mundo.
- *Poder*: voltado para a vida política, institucional e para os movimentos sociais.
- *Esporte*: considerado um dos cadernos mais lidos do jornal, trata de todas as modalidades esportivas, abordando, ainda, o viés empresarial nesse segmento. Acompanha os principais campeonatos, mostrando estatísticas, tocando ainda em questões relacionadas a política, *marketing*, legislação e moda esportivos.
- *Cotidiano*: traz informações cotidianas nas áreas de segurança, transporte, educação, meteorologia e direitos do consumidor, e apresenta notícias relacionadas às principais capitais do país.
- *Mercado*: apresenta a conjuntura econômica brasileira e internacional e o mundo dos negócios. Traz, ainda, questões voltadas a investimentos e indicadores atuais econômicos.

- *Ilustrada*: faz a cobertura das áreas de cultura e entretenimento, abordando questões como música, televisão, gastronomia, cinema, teatro e quaisquer outros eventos culturais nacionais. Há a presença semanal de colunistas fixos, que fazem críticas ou criam textos humorísticos sobre os acontecimentos do país.

Os outros cadernos, que têm publicação semanal, não foram considerados.

Como recorte temporal, foram selecionados os textos produzidos durante o mês de janeiro de 2014, o que faz que a pesquisa apresente uma análise sincrônica dos fatos da língua.

Com relação às construções pesquisadas, seguimos, como dissemos na seção anterior, os moldes estabelecidos em Longhin (1999). Assim, procuramos as seguintes sentenças:

- Clivadas propriamente ditas (doravante CLIV).
- Construções É Que (doravante É QUE).
- Construções Que (doravante QUE).
- Pseudoclivadas (doravante PC).
- Construções Foco Ser (doravante SER).

Vale dizer que, para realizar a busca dessas construções, não foi utilizado qualquer mecanismo de busca tecnológico, uma vez que não encontramos uma ferramenta que se adequasse aos objetivos do trabalho. Além disso, em uma pesquisa em que importa o fluxo de informação veiculado pelas sentenças, é importante considerar todo o contexto precedente à ocorrência. Então, para a busca, foram lidos, na íntegra, 1208 textos de extensões variáveis, produzidos no mês e ano supracitados; desses textos, foram encontradas 133 sentenças clivadas, das quais 58 são CLIV, 29 É QUE, 40 PC, 3 QUE e 3 SER.

Para a análise da Estrutura Informacional, realizamos uma convergência teórica entre os modelos defendidos por Halliday (1967), Dik (1985), Prince (1981) e Lambrecht (1994), considerando que, para a análise da Estrutura Informacional, a preocupação com cada fenômeno informativo só tem relevância na medida em que este reflete na estrutura gramatical da sentença (morfossintaxe, semântica, pragmática etc.).

Assim, levando em consideração que a Estrutura Informacional deve ser tomada como um componente da Gramática, ou seja, como um fator determinante para a estrutura formal de suas sentenças, identificamos, nos constituintes focais das ocorrências clivadas, os seguintes parâmetros:

- Estatuto Informacional do constituinte focal.
- Classe gramatical do constituinte focal.
- Função sintática do constituinte focal.
- Dimensão do constituinte focal.
- Contraste do constituinte focal.

Todos esses parâmetros de análise foram escolhidos com base nos estudos de Longhin (1999) e Braga (1989; 1991; 2009) e suscitam, obviamente, hipóteses para que sejam operacionalizados como grupos de fatores na análise quantitativa.

O grupo de fatores referente ao Estatuto Informacional do constituinte focal é considerado sob a hipótese principal de que o tipo de informação veiculado é crucial para a escolha do tipo de sentença clivada a ser utilizada pelo falante. Além disso, esse grupo de fatores é essencial para o desenvolvimento da pesquisa porque a partir dele desenvolvemos os outros grupos de fatores. Isso quer dizer que, com base no cruzamento entre o tipo de informação veiculado pelo constituinte focal das clivadas (nova, dada e inferível) e a realização sintático-discursiva dos outros grupos de fatores, queremos indicar a importância da informação para a construção de cada tipo de sentença clivada pesquisado por nós (CLIV, É QUE, QUE, PC e SER). Além disso, incluímos um subgrupo de fatores ao estatuto informacional, que denominamos "grau de ativação" dos referentes focalizados, que apresentam uma interpretação diferente do que dissemos acima; quanto ao grau de ativação, seguimos o que propõe Lambrecht (1994) e Braga (2009).

Quanto ao segundo grupo de fatores, a saber, a categoria gramatical dos constituintes focais das sentenças clivadas, tivemos o objetivo de descrever como os constituintes das sentenças clivadas de nosso córpus se apresentam gramaticalmente de forma estatística, a fim de cotejar os nossos resultados com os obtidos por Braga (1991) e Longhin (1999) em *corpora* de fala. Além disso, buscamos perceber se há uma relação evidente entre as categorias gramaticais dos constituintes focais das clivadas com a

informação veiculada por eles e se, por meio disso, existe uma relação com a realização da construção clivada.

O terceiro grupo de fatores está fortemente vinculado ao anterior, uma vez que buscamos, com este, descrever a função sintática dos constituintes das sentenças e qual a relação dessas funções com o fluxo informacional. Nessa medida, buscamos saber, por exemplo, se o uso de um constituinte que assume a função de sujeito em uma CLIV é determinado pela preferência em focalizar um constituinte dado ou novo para o discurso.

O quarto grupo de fatores, a saber, a dimensão do constituinte focal das clivadas, está em evidência para que verifiquemos se existe uma relação notadamente motivada entre o "tamanho" do constituinte com a informação por ele veiculada em cada tipo de sentença clivada.

Por fim, no quinto grupo de fatores, analisamos o tipo de contraste realizado pelo constituinte focal da sentença clivada. Nesse quesito, utilizamos o contraste tal como defendido por Taglicht (1976 apud BRAGA, 2009), identificando se a relação contrastiva se dá de forma implícita ou explícita; além disso, buscamos relacionar essa forma de contraste ao tipo de informação veiculada nessa relação, de modo a entender se o tipo de contraste pode estar subordinado ao estatuto informacional do constituinte focal.

Todos esses grupos de fatores são escolhidos, portanto, tendo em vista o nosso objetivo principal, que é analisar a especialização da veiculação de informação dos constituintes focais das sentenças clivadas de acordo com a sua estrutura sintático-discursiva.

Para a discussão de todos esses fatores, seguimos a sequência de apresentar, primeiro, a frequência de realização em cada tipo de clivada para, depois, apresentar o cruzamento desses resultados com o índice de estatuto informacional de cada construção. Essa frequência foi determinada graças ao uso do *software* GoldVarb X, que apresentou os dados estatísticos.

Graças ao que encontramos em nossos dados, assim subdividimos os parâmetros que compõem os nossos grupos de fatores:

i) Estatuto Informacional: novo, dado e inferível.

i') Grau de ativação: [+ ativado] e [- ativado].

ii) Categoria gramatical: sintagma nominal (SN) (sob a forma de substantivo ou pronome), sintagma preposicional (Sprep), sintagma adverbial (Sadv) e oração.

iii) Função sintática: sujeito, objeto e circunstancial.

iv) Dimensão: curta, média e longa.

v) Contraste: implícito ou explícito.

Para finalizar, consideramos importante deixar claro que, para a análise de nossos dados, buscamos realizar uma convergência entre os conceitos e teorias apresentados em nossa fundamentação teórica, não com o objetivo de refutar o que algum autor postulou ou de eleger pressupostos que sejam melhores do que outros; ao contrário, buscamos utilizar aquilo que melhor se encaixar à nossa proposta de análise para que atinjamos o nosso objetivo principal, que é descrever como a informação é veiculada nas sentenças clivadas do português contemporâneo escrito e como essa informação pode ser especializada de acordo com a forma com que essas construções são estruturadas sintático-discursivamente. Portanto, as ideias apresentadas nesta pesquisa serão utilizadas de modo complementar, de acordo com o que nos propomos a discutir.

Feita essa exposição, passamos a apresentar, na seção a seguir, a análise de nossos dados.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, temos por objetivo descrever e analisar, inicialmente, as sentenças clivadas selecionadas para este estudo. Nosso córpus é discutido, inicialmente, com base no estatuto informacional dos constituintes focais das construções clivadas. Analisamos nossas ocorrências com base nas definições de Prince (1978), Longhin (1999) e Braga (1989), identificando se há veiculação de informação *dada*, *nova* ou *inferível* pelos constituintes das sentenças clivadas. Na sequência, à luz de Lambrecht (1994), analisamos o estado de ativação dos referentes dos segmentos clivados, a fim de perceber se os resultados são próximos ou não aos resultados obtidos pela descrição do estatuto informacional.

Depois, discutimos os aspectos sintáticos e discursivos dos constituintes focalizados das sentenças clivadas de nosso córpus de acordo com os parâmetros apresentados na metodologia e que, aqui, serão mais bem detalhados: categoria gramatical, função sintática, dimensão e contraste.

A primeira parte de observação dos nossos dados é feita com o objetivo de comprovar os resultados encontrados em nosso córpus tomando por base os dados apresentados por Braga (1989) e Longhin (1999). Em Braga (1989; 2009) e Longhin (1999), os grupos de fatores que elegemos são discutidos a partir de ocorrências extraídas de textos falados. Assim, poderemos ver se nossos resultados conferem com os encontrados pelas autoras. Na sequência, realizaremos a discussão sobre a veiculação da informação dos constituintes focais das clivadas de forma cruzada com cada um desses fatores, com o objetivo de ver se existe alguma motivação para o uso de determinado tipo de clivada tendo em vista o fluxo informacional veiculado.

Dessa forma, feita inicialmente a descrição e discussão do estatuto informacional, apresentaremos, primeiro, a correlação das sentenças clivadas encontradas por nós com o grupo nomeado como “categoria gramatical”. Nessa subseção, buscamos descrever quais são as *categorias gramaticais* em que os constituintes focais se apresentam em cada ocorrência e qual a frequência dessas categorias nas clivadas. Na sequência, voltamo-nos para a *função sintática* dos constituintes focais, a fim de identificar se estes se configuram como sujeitos, objetos ou circunstanciais. Em seguida,

apresentamos os resultados da análise da *dimensão* dos constituintes focais. Finalmente, com o quarto grupo, analisamos a noção de *contraste* estabelecida pelo foco das nossas sentenças clivadas.

A análise desses parâmetros tem o objetivo perceber se, por meios gramaticais (em seus níveis sintático-discursivos), é a veiculação da informação que determina o uso dos tipos de clivadas encontrados em nosso córpus.

4.1 Estatuto Informacional dos constituintes focais

Nesta subseção, temos por objetivo descrever como se comportam informacionalmente os constituintes focais das sentenças clivadas que fazem parte de nosso córpus. Esta parte da análise é de fundamental importância, pois é a partir dos resultados aqui encontrados que vamos realizar o cruzamento com o que obtivermos com a leitura das ocorrências encontradas nos grupos de fatores que estipulamos, quais sejam, categoria gramatical, função sintática, dimensão e contraste dos constituintes focais.

Como vimos na seção de fundamentação teórica desta pesquisa, a análise da veiculação de informação está em discussão na Linguística há muito tempo. Nesse contexto, quando se discute a Estrutura Informacional da sentença, tem-se de levar em consideração que é preciso haver elementos novos e velhos para que haja sucesso na transmissão de conhecimento entre emissor e receptor. Essa relação está voltada, na verdade, às suposições que o falante faz sobre o estado mental de seu ouvinte, em que há um “julgamento” sobre aquilo que ele não sabe ainda e sobre aquilo que já faz parte do seu repertório mental. Seria *novo*, então, tudo aquilo que o emissor apresenta ao seu receptor pela primeira vez, de modo que aquele faz uso do conhecimento já dominado por este para que a informação nova seja lançada e faça sentido.

Vimos, assim, diferentes nomenclaturas e suas considerações sobre o uso mais/menos adequado de cada uma. Assim, as questões de *velho*/*dado*/*pressuposto*, *novo* e *inferível* estiveram presentes em relações que tratavam, cada uma em seu domínio e perspectiva de análise, do fluxo informacional entre tema e rema, tópico e comentário, tópico e foco, pressuposição e foco, entre outras.

Além disso, vimos que o constituinte focal de uma sentença, de fato, não tem uma relação estrita com a informação nova, tendo em vista que essa informação já poderia

ter sido apresentada no contexto precedente ou poderia ser inferida a partir do que havia sido exposto. No que se refere às construções clivadas, Longhin (1999), em sua análise do fluxo informacional veiculado pelo constituinte focal, já estabelece três possibilidades de “tipos” de informação por ele veiculadas: nova, inferível e evocada, suscitados por meio dos estudos de Prince (1978), que foi quem lançou mão do modelo bipartido de estrutura da informação ao inserir, na descrição, a classe dos inferíveis.

Como dissemos, em nossa pesquisa, além de recorrermos às contribuições e reflexões de renomados funcionalistas, como Halliday (1967, 1989), Dik (1989) e Prince (1984), buscamos no modelo de Lambrecht (1994) algumas respostas sobre a questão da *obrigatoriedade* de veiculação de informação nova. Para o autor, a questão da novidade veiculada pelo foco de uma sentença clivada é crucial para a sua estruturação.

No entanto, o autor não considera um constituinte apenas como sendo novo ou dado dentro de um território demarcado pela sentença. Ele vai além, dizendo que é a *relação* entre o que foi assertado pragmaticamente e o que está pressuposto pragmaticamente que importa para que a sentença seja comunicativa dentro do discurso. Na verdade, como vimos na seção teórica, Lambrecht (1994) considera o *estado de ativação* dos referentes no discurso. O autor considera como [+ ativados] os referentes que o falante julga que estão na memória de curto prazo do ouvinte, no momento em que a sentença clivada é proferida, ou seja, esse estado de ativação é colocado pelo fato de o par de referentes terem sido mencionados no discurso imediatamente precedente ou por estarem presentes no contexto situacional, inferencial e textual. Nessa relação de [+ativados] estão inseridos, também, os referentes acessíveis, quer dizer, aqueles dedutíveis de outros referentes considerados pelos interlocutores (LAMBRECHT, 1996). Os referentes [-ativados], por sua vez, são aqueles que não podem ser recuperados pelo contexto, ou seja, são aqueles que introduzem entidades completamente novas ao discurso ou que estão na memória de longo prazo.

Assim, mesmo que ambos os constituintes da sentença apresentem entidades que podem ser recuperadas pelo contexto (a parte clivada e a sua contraparte não clivada), a relação de ambas sempre vai trazer alguma noção de novidade para o receptor. Com isso, mantém-se a máxima informacional de que um falante estabelece comunicação com seu ouvinte para informá-lo sobre algo que ele ainda não saiba (ou sobre o que o falante julga que seu ouvinte ainda não saiba), trazendo sempre latente a questão de novidade informacional.

Em síntese, os modelos de Prince (1978) e de Lambrecht (1994) podem ser utilizados de forma que um complemente o outro. Prince (1978) leva em consideração a análise da informação sob uma perspectiva textual; Lambrecht (1994), por sua vez, considera o estado de ativação dos referentes na mente dos interlocutores.

Nesse sentido, analisamos nossos dados de acordo com a duas propostas. Com Prince (1978), analisamos o estatuto informacional dos constituintes focais de acordo com o contexto imediatamente anterior à realização da sentença clivada. Assim, se o referente do constituinte focal já tiver sido mencionado no contexto, consideramo-lo *dado*; se o referente não tiver sido mencionado, mas puder ser suscitado a partir do que foi discutido anteriormente à sua realização, nós o consideramos *inferível*; por fim, se o referente aparecer pela primeira vez no contexto por meio do constituinte focalizado, será *novo*.

Com Lambrecht (1994), analisamos os referentes suscitados pelos constituintes focalizados levando em consideração toda a situação pragmática colocada. Assim, se os constituintes já foram mencionados no texto anteriormente à sua realização na sentença clivada, ou se os seus referentes puderem ser suscitados a partir do contexto dado, nós os consideramos como [+ativados]. Incluímos, ainda, na seção de [+ativados] os referentes que podem ser inferidos graças ao *frame* dado por meio da disposição dos elementos linguísticos colocados no contexto, bem como ao “contexto de produção do texto” propriamente dito.

Esse "contexto de produção do texto" foi levado em consideração em virtude de, muitas vezes, os textos jornalísticos dos cadernos da *Folha de S. Paulo* serem colocados de forma inter-relacionada. Normalmente, são apresentados como “minitextos” que parecem ser independentes quanto à forma, mas que têm uma relação macrotextual evidente. Podemos ilustrar essa relação em (19) a seguir:

(19) <u>De duas, uma.</u> Se for eleito, Del Nero poderá nem assumir o novo mandato na federação. O cartola é o candidato na eleição da CBF e, caso vença, deve deixar a federação paulista nas mãos de Reinaldo Carneiro Bastos. Se perder a disputa na confederação, terá garantida a presidência da federação estadual mais rica do país.

Surpresa. O fato de Del Nero ser o candidato à presidência da FPF, aliás, contraria a previsão de parte dos principais dirigentes do país. Eles apostavam que a chapa da situação seria encabeçada por Reinado Carneiro Bastos, e Del Nero se focaria apenas na eleição da CBF.

Mudança geral. *Não é* ***só no futebol*** *que o Santos passa por uma grande reformulação*. A diretoria composta por Luis Alvaro de Oliveira Ribeiro, presidente licenciado, está sendo desfeita pela gestão de Odílio Rodrigues, mandatário em exercício.

Só ontem foram dispensados três funcionários ligados a Luis Alvaro. A demissão que mais chamou atenção e que deve gerar reclamação de sócios santistas é a de Paula Madeira, coordenadora da secretaria social.

Árvore genealógica. Emerson faltou ao treino do Corinthians ontem sob a justificativa de que um parente havia falecido, mas a pessoa que morreu não é um familiar do atacante. *Quem faleceu foi* ***a avó da ex-mulher de Emerson***, que conseguiu dispensa da primeira atividade do clube em 2014.[14]

Todos esses trechos estão apresentados no Caderno *Esporte* da Folha. São minitextos que têm a função de apresentar, de forma rápida e concisa, alguns fatos aleatórios sobre o universo esportivo (no caso, sobre o universo esportivo relacionado ao futebol). Apresentamos um exemplo do que queremos dizer por meio da sentença clivada recortada de (19) e reapresentada em (20):

(20) Mudança geral. *Não é* ***só no futebol*** *que o Santos passa por uma grande reformulação*. A diretoria composta por Luis Alvaro de Oliveira Ribeiro, presidente licenciado, está sendo desfeita pela gestão de Odílio Rodrigues, mandatário em exercício.

Em (20), consideramos o referente "futebol" como *novo*, uma vez que ele é apresentado no minitexto pela primeira vez. Assim, se esse texto fosse lido de forma independente dos demais, o constituinte "futebol" não poderia ser recuperado. No entanto, nós o consideramos como [+ ativado], tendo em vista a relação desse minitexto com os

[14] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/146659-painel-fc.shtml>. Acesso em: 25 maio 2014.

minitextos anteriores, que falavam de futebol. Assim, o *frame* [futebol] já estava ativado na mente do leitor que faz a leitura dos textos na sequência, de modo que esse referente não se constitui de forma nova, cuja entidade pode ser recuperada ou suscitada por meio do contexto dos textos anteriores.

Nessa mesma sequência de textos, podemos recortar, ainda, um outro exemplo de sentença clivada (uma PC), reapresentada em (21):

(21) Árvore genealógica. Emerson faltou ao treino do Corinthians ontem sob a justificativa de que um parente havia falecido, mas a pessoa que morreu não é um familiar do atacante. *Quem faleceu foi* ***a avó da ex-mulher de Emerson***, que conseguiu dispensa da primeira atividade do clube em 2014.

Nesse trecho, o referente do constituinte clivado (a avó da ex-mulher de Emerson) é apresentado pela primeira vez no discurso e, por isso, é considerado como *novo*. É considerado também como [- ativado] pelo fato de não poder ser suscitado a partir de nenhuma relação colocada anteriormente: a avó da ex-mulher não aparece nem é suscitada pela situação pragmática anterior. Assim, é inserida pela primeira vez ao leitor, mesmo que seja ancorada ao referente "Emerson", apresentado anteriormente. Braga (2009) afirma que os referentes [-ativados] não suscitam problemas de processamento porque tendem a ser sempre ancorados por elementos que são compartilhados pelos interlocutores.

Feitas essas considerações, apresentamos, a seguir, os resultados obtidos com as sentenças clivadas de nosso córpus seguindo essas classificações do estatuto informacional. Inicialmente, apresentamos os estatutos "dado", "novo" e "inferível" (Tabela 1) de acordo com o tipo de construção clivada utilizado e a sua análise quantitativa. Depois, na Tabela 2, apresentamos nossos resultados sobre a relação entre os referentes [+ativados] e [-ativados], veiculados pelos constituintes focalizados, e os tipos de clivadas.

Tabela 1 – Estatuto Informacional das sentenças clivadas.

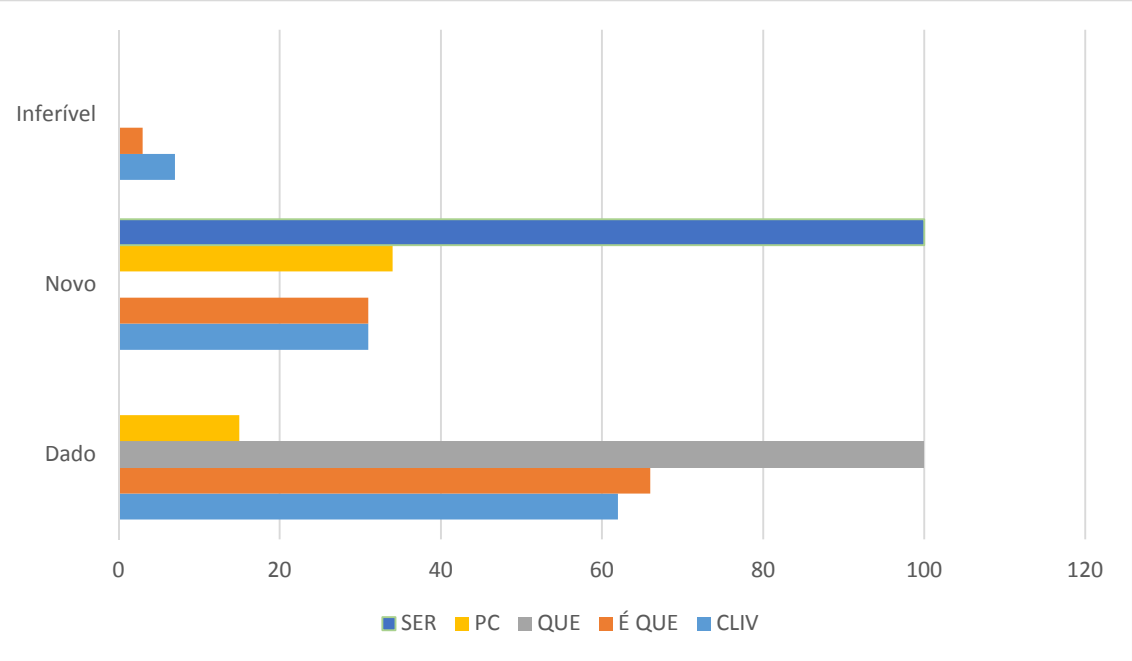
	CLIV		**É QUE**		**PC**		**TOTAL**	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Dado	**36**	**62**	**19**	**66**	06	15	61/127	48
Novo	18	31	09	31	**34**	**85**	61/127	48
Inferível	04	07	01	03	00	0	05/127	04
TOTAL	58	100	29	100	40	100	127/127	100

Em nossos dados, os constituintes focais que veiculam **informação dada** são maioria nas sentenças CLIV, atingindo 62% das ocorrências, seguidos pelas construções É QUE, com 66%. As PC, por sua vez, aparecem com 85% de suas ocorrências com constituintes focais veiculando **informação nova** para o discurso. As construções QUE e SER não foram inseridas na tabela pela pouca representatividade em nosso córpus, uma vez que foram encontradas apenas três ocorrências para cada um desses tipos de construções. No entanto, a veiculação da informação se dá nessas últimas de modo bastante interessante: 100% das QUE veiculam informação dada, enquanto 100% das SER veiculam informação nova. Nossos dados são bastante semelhantes aos resultados das análises de Longhin (1999) e Braga (1989), que também perceberam essa "relação familiar" entre as clivadas: de um lado, CLIV, É QUE e QUE veiculam informação dada; de outro, PC e SER veiculam informação nova. [15]

A fim de que tenhamos uma visualização mais clara sobre a frequência em que o tipo de informação é veiculado pelos constituintes focais das construções clivadas, apresentamos o gráfico a seguir, em que inserimos todas as cinco alternantes clivadas:

[15] A relação entre os inferíveis não se mostrou relevante em nosso córpus. Por isso, não os mencionamos.

Gráfico 1 – Estatuto informacional das Sentenças Clivadas.



Como podemos ver, essa estruturação da informação está diretamente relacionada à distribuição canônica de informação proposta por Halliday (1967), reafirmada em Prince (1978), em que primeiro se introduz a informação dada para que depois seja apresentada a informação nova. Assim, fica lógico que, em CLIV, É QUE e QUE, cujos constituintes focais sempre aparecem de forma anteposta à cópula, a informação preferida seja a *dada* e que, em PC e SER, que sempre focalizam seus constituintes depois da cópula, haja maior propensão à veiculação de informação *nova*.

A seguir, apresentamos ocorrências do que é típico para as construções clivadas quanto à veiculação de informação: em (22), (23) e (24) apresentamos, respectivamente, exemplos de CLIV, É QUE e QUE introduzindo informação dada; em (25) e (26), exemplos de PC e SER veiculando informação nova em seus constituintes focais:

(22) Ele é o cara... O alckmista Márcio França (PSB-SP) criou mais um atrito com a Rede. No fim de 2013, seu gabinete distribuiu informativo que atribuía a Marina um depoimento

cheio de elogios ao deputado. "*Foi* ***o Márcio França*** *que me trouxe para o PSB*", dizia a ex-senadora no texto.[16]

(23) O processo foi encaminhado à Procuradoria-Geral da República assim que chegou no gabinete do ministro Marco Aurélio Mello, mas o ministro tem como procedimento sempre enviar para as instâncias inferiores os investigados sem foro e deve fazer o mesmo com o inquérito 3.815.
A decisão, contudo, só será formalizada quando o processo voltar da Procuradoria, com o parecer sobre se há ou não indícios mínimos de envolvimento dos investigados com foro privilegiado.
Só após o parecer da Procuradoria *é que Marco Aurélio decidirá se prossegue com as investigações em relação aos citados com foro privilegiado, ou se arquiva*. Não há prazo para o Ministério Público devolver o processo.[17]

(24) A empresária conta que começou a se sentir deslocada a partir do seu segundo dia de confinamento e disse que não guardava mágoa de Aline por ter se afastado dela após terem entrado juntas no programa.
Não fui eu quem se afastou dela, ***ela*** *que se afastou de mim*. A gente tinha que se desgrudar para ganhar espaço, até por que uma das duas iria sair. Aconteceu de eu me identificar mais com as meninas e ela se interessar pelo Fernando", disse Júlia.[18]

(25) Sousândrade (1832-1902) estudou letras na Sorbonne e andou também por Nova York e outros recantos. Obviamente considerado "louco" por seus contemporâneos, deixou, entre outras, uma obra premonitória, "O Guesa", que foi reeditada em 2009. *Quem assina o prefácio é* ***ninguém menos do que Haroldo de Campos***, um dos poetas

---

[16] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/147377-painel.shtml>. Acesso em: 12 mar. 2014

[17] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/146944-stf-deve-dividir-investigacao-sobre-cartel.shtml>. Acesso em: 15 maio 2014.

[18] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/01/1580405-primeira-a-deixar-a-casa-julia-diz-que-nao-estava-preparada-para-ser-uma-bbb.shtml>. Acesso em: 15 maio 2014.

concretistas, os "redescobridores" de Sousândrade.[19] [no texto, única vez em que Haroldo de Campos é mencionado].

(26) Além da fertilidade geral dos personagens, com o típico "baby boom" de impressionar a China, final de novela sempre traz o beijo que encerrará a história unindo no "para sempre" global o mocinho e a mocinha da trama. Só que, desta vez, a mocinha é mocinho. E o mocinho é o vilão.

A torcida não é pelos óbvios Paloma (Paolla Oliveira) e Bruno (Malvino Salvador), protagonistas de "Amor à Vida".

Donas de casa querem ver é ***a união de Niko (Thiago Fragoso) e Félix (Mateus Solano)***, casal improvável no início da novela, mas que agora pode selar o "felizes para sempre" com um esperado beijo gay em novelas da Globo, no desfecho da trama no dia 31.

Já com relação ao grau de ativação dos referentes presente nos constituintes clivados de nossas ocorrências, obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 2 – Grau de ativação dos referentes das sentenças clivadas.

	CLIV		**É QUE**		**PC**		**TOTAL**	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
[+ ativada]	**47**	**81**	**22**	**76**	17	42,5	86	68
[- ativada]	11	19	07	24	**23**	**57,5**	41	32
TOTAL	58	100	29	100	40	100	127	100

[19] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/146984-o-maranhao.shtml>. Acesso em: 21 maio 2014.

Nossos resultados mostram que as clivadas tendem a focalizar referentes [+ativados], sendo isso mais evidente em CLIV e É QUE. As construções PC apresentam uma ligeira preferência por introduzir informação [-ativada]; no entanto, os resultados percentuais para ambos os processos de ativação são bem próximos (42,5% para [+ativado] e 57,5% para [-ativado]). Braga (2009, p. 185), ao descrever as ocorrências de QUE e SER, diz que essas construções ficam "a meio caminho no que concerne ao percentual de referentes [+ ativados] e [-ativados]", de forma que seus índices estatísticos são "praticamente os mesmos nos dois mecanismos de focalização". Nossos resultados para as três ocorrências encontradas em cada um desses últimos dois tipos de clivadas corroboram o que dizem as autoras (QUE: duas ocorrências de [+ativadas] e uma de [-ativada]; SER: uma ocorrência de [+ativada] e uma de [-ativada]). O gráfico a seguir ilustra o que dissemos:

Logo, assim como em Braga (2009), nossos dados não permitem dizer precisamente se há ou não há qualquer motivação sobre o uso de um referente já ativado no discurso com relação ao tipo de clivada. Podemos afirmar, apenas, que há uma evidente relação entre informação [+ativada] para a construção de CLIV e É QUE. Apesar disso, essa leitura das ocorrências nos mostrou uma característica interessante: o material restante expresso pela contraparte da sentença clivada, ou seja, o constituinte não clivado, tende a constituir, também, informação [+ativada]. Apresentamos um exemplo do que estamos dizendo em (27):

(27) Marques e Neves contestam o STJD. Em nota, o tribunal desportivo diz que os processos na Justiça comum são um "desserviço ao futebol." "*Quem presta um desserviço é* ***o STJD***, que não observa as leis e as decisões da Justiça brasileira. A minha ação é apenas uma gota no oceano e está longe de terminar", rebate Marques, sócio do Flamengo e ex-atleta de polo aquático no clube.[20]

Construções como (27) podem inquietar o pesquisador das clivadas: o constituinte focal "o STJD", focalizado por meio de um PC (que, como vimos, tende a focalizar informação nova), introduz informação [+ ativada], ou seja, podemos,

[20] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/147411-advogados-dizem-que-vao-ate-o-fim-contra-stjd-e-cbf.shtml>. Acesso em: 21 mar. 2014.

facilmente, recuperar o seu referente pelo contexto, uma vez que ele está sendo explicitamente apresentado anteriormente. Sua contraparte, ou seja, o fato de "prestar um desserviço" também se configura como uma informação [+ ativada], visto que também pode ser recuperado pelo contexto imediatamente anterior e visto que o leitor já tem em mente a que referente esse "desserviço" se relaciona. Portanto, ambas as partes da sentença clivada veiculam informação [+ ativada] (que, coincidentemente, nesse caso, também são dadas).

Eis que surge então a dúvida: se ambos os constituintes veiculam informação dada, em que medida se pode encontrar a novidade informacional que, segundo Lambrecht (1994), é inerente a toda sentença para que esta seja, de fato, informativa?

Para responder a essa questão, retomamos o conceito de “relação focal” de Lambrecht (1994). Para o autor, a informação nova é evidenciada pela *relação* estabelecida entre referente e proposição, entendendo-se o foco como uma categoria relacional pragmática. Nesse sentido, o foco marca aquilo que Bolinger (1954 apud Lambrecht, 1994) chama de "ponto da informação" de uma sentença, ou seja, o ponto em que está concentrada grande parte da informação.

Assim, quando, em uma sentença clivada, as duas partes da construção não apresentam informação nova (ou [- ativada]), ainda temos uma relação de novidade que faz da sentença um enunciado comunicativo. Dito de outro modo, a combinação entre dois blocos informacionais tomados como dados dá um *novo sentido não recuperável* pelo discurso.

Então, quando vemos uma sentença clivada como (27), em que as duas partes da oração (foco e pressuposição) apresentam informações [+ ativadas], percebemos que é a *relação* de ambas que se configura como novidade informacional no discurso apresentado. Não é o constituinte que é novo, nem aquilo que ele representa, e, sim, o seu papel como argumento da construção “prestar um desserviço”, presente na proposição estruturada pragmaticamente. Logo, a informação veiculada pela sentença é a proposição abstrata de que “é o STDJ quem presta um desserviço (ao futebol)” (e não qualquer outro órgão). Por meio dessa proposição abstrata é que encontramos, de fato, o foco da sentença pseudoclivada, a novidade informacional e o motivo para ser realizada no texto.

Observemos mais um exemplo do que dissemos em (28). Para mostrar que os constituintes marcados por nós são [+ ativados], apresentamos um excerto maior:

(28) Com base apenas em fatos recentes, preparei aqui uma lista resumida de cinco motivos para que o ministro possa entender por que os brasileiros estão "nervosinhos" com a situação da economia.
1) Fragilidade no superávit primário: o resultado foi atingido com ajuda de receitas extras, como o bônus da privatização do campo de petróleo de Libra, que não vão se repetir em 2014, tornando o equilíbrio fiscal ainda mais duro de ser alcançado ao longo do ano.
2) Queda na balança comercial: divulgados na última semana, os números da balança comercial brasileira tiveram o pior desempenho em 13 anos.
3) Desvalorização da Petrobras: para tristeza da memória de tantos nacionalistas que se recordam da campanha "O petróleo é nosso", em 2013 a estatal foi a empresa de capital aberto que mais perdeu valor de mercado em termos nominais, segundo a consultoria financeira Economatica. Em apenas três anos, o governo Dilma conseguiu a façanha de reduzi-la a menos da metade do seu valor. Entre os motivos, está a gestão orientada para render dividendos políticos ao Partido dos Trabalhadores.
4) Recorde na carga tributária: enganou-se quem acreditava que a situação dos impostos no Brasil não podia mais piorar. A Receita Federal divulgou a carga tributária de 2012, que bateu mais um recorde e chegou a 35,85% da renda nacional.
5) PIB em baixa, inflação em alta: a bravata do "pibão" na casa dos 4%, prometidos para 2013, deve acabar reduzida a um humilde "pibinho" abaixo de 2,5%. Além disso, o ano de 2013 ficará conhecido como aquele em que a inflação, de péssima lembrança, voltou a assombrar as feiras e os supermercados.
Essa é a realidade que as autoridades se recusam a admitir publicamente.
Em junho, a presidente Dilma Rousseff acusou a oposição de agir como o Velho do Restelo, personagem de Camões que representa o pessimismo. A economia, entretanto, continuou à deriva. Agora, a presidente reclama de uma suposta "guerra psicológica", "capaz de inibir investimentos e retardar iniciativas". Já para o ministro Guido Mantega, *são* ***os "nervosinhos"*** *que atrapalham o sucesso dos planos formidáveis do governo*.[21]

[21] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/146502-nervosinhos.shtml>. Acesso em: 15 fev. 2014.

Em (28), mesmo que, separadamente, os constituintes da sentença apresentem informações [+ ativadas], a relação entre "os nervosinhos" com o fato de "atrapalhar o sucesso dos planos formidáveis do governo" é que traz a novidade informacional para a sentença. Poderíamos dizer até mais: que é a essa relação estabelecida pela clivagem que põe em relevo a ironia do autor sobre o governo do PT. Mas esse não é nosso objetivo aqui, o que não quer dizer que não possamos avaliar as relações semânticas entre os constituintes da clivadas em trabalhos futuros.

Então, assumimos que é a relação focal entre o sintagma “os nervosinhos” com o resto da proposição que evidencia a tal novidade pretendida para que o discurso seja construído. Assim, o foco da sentença, pela perspectiva de Lambrecht (1994), seria algo como “Aqueles que atrapalham o sucesso dos planos formidáveis do governo são os nervosinhos” (e não outros possíveis), não importando para a relação pragmaticamente estruturada entre os interlocutores o que já foi ou não foi dito. Logo, por meio da colocação gramatical dos constituintes da sentença, o emissor sabe que seu receptor já tem um conhecimento prévio sobre “os nervosinhos”, mas julga que ele não tenha feito, ainda, a relação mental de que esses nervosinhos, já conhecidos por ele, são os tais responsáveis por atrapalhar os planos formidáveis do governo (e não outros).

4.2 Categoria gramatical dos constituintes focais

Seguindo Longhin (1999) e Braga (1989; 2009), em um primeiro momento, analisamos, em nosso córpus, a categoria gramatical dos constituintes focais dos tipos de sentenças clivadas que aqui delimitamos. Longhin (1999, p. 135), citando Dik (1989), afirma que os mecanismos de focalização devem sempre ser analisados à luz do escopo, “entendido como a parte da estrutura subjacente da oração que recebe a função de foco”.

Por essa razão, analisamos, inicialmente, o escopo das sentenças clivadas do português por meio da categoria gramatical de seus constituintes focalizados. Vale dizer que muitos autores (como BRAGA, 1989, 1991, 2009; LAMBRECHT, 2001; PRINCE, 1981) têm discutido a relevância da categoria gramatical do constituinte focalizado das sentenças clivadas como possível motivador para uso de um determinado tipo de clivada, e não de outro. Ou, de outro modo, verificaram-se preferências de certas categorias quando do uso de determinadas clivadas, de modo a mostrar que elas não são intercambiáveis, uma vez que desempenham diferentes papéis. Por exemplo, Prince

(1981) percebeu que as *it-clefts* e as *wh-clefts* do inglês apresentam diferenças quanto à categoria gramatical do constituinte que ocupa a função de foco. A autora aferiu que os sintagmas nominais são usualmente realizados nos dois tipos de construções; no entanto, os advérbios e os sintagmas preposicionais são bem mais usados em *it-clefts*, enquanto a forma oracional é mais frequente nas *wh-clefts*. Sedano (1990), apesar de operacionalizar as categorias gramaticais de modo mais abrangente que Prince (1981) e apesar de analisar um grupo maior de clivadas (as que ocorrem em espanhol, como *Hendidas*, *Seudohendidas*, *Seudohendidas Inversas* e *Ser focalizador*), obtém resultados bem próximos aos encontrados por esta última autora. Em Sedano (1990), os sintagmas nominais também são frequentes nos quatro grupos de clivadas, mas, assim como foi percebido nas *it-clefts* por Prince (1981), os sintagmas preposicionais e os advérbios são mais presentes nas *hendidas*, e as formas oracionais, nas *seudohendidas* (a par das *wh-clefts*).

Em nossa pesquisa, obtivemos os seguintes resultados apresentados na Tabela 3:

Tabela 3 – Categoria Gramatical dos constituintes focais das sentenças clivadas.

		CLIV		**É QUE**		**PC**		**TOTAL**	
		N.	%	N	%	N	%	N	%
SN	Subst.	**19**	**33**	**10**	**34**	**37**	**92**	66	52
	Pronomes	11	19	02	07	--	--	13	10
S. Prep.		18	31	06	21	--	--	24	19
S. Adv.		09	15	06	21	--	--	15	12
Oração		01	02	05	17	03	08	09	07
TOTAL		58	100	29	100	40	100	127	100

Com base no que é apresentado na Tabela 3, podemos perceber a predominância dos **sintagmas nominais** assumindo o papel de foco das sentenças clivadas. Na tabela, preferimos dividir os SNs em substantivos e pronomes pessoais; por

meio disso, podemos ver que os substantivos são a maioria nos três tipos de clivadas apresentados. Vale reiterar que não incluímos os outros dois tipos de clivadas nessa tabela em virtude da baixa representatividade que obtivemos em nosso córpus (3 para QUE e 3 para SER). Então, podemos ver que h um grande destaque para as sentenças PC, cuja ocorrência de substantivos como constituinte focal chega a 92% dos dados. Assim, casos como o apresentado em (29) são muito frequentes:

(29) Que fique claro: ninguém pode contestar o direito de Campos aliar-se com quem quiser. Se há alguma coisa em que o Brasil é insuperável é na, vamos dizer, elasticidade das composições partidárias. Do governo federal às administrações locais, é possível encontrar misturas que desafiam tanto a coerência de programas quanto os limites da análise combinatória. Alianças sempre, evidentemente, "em nome do interesse do povo". *O que se discute mais uma vez é* ***a propaganda enganosa***. [22]

Apesar de não ter a mesma frequência apresentada pelas PC, as sentenças CLIV e É QUE também têm uma maior incidência de substantivos como focalizadores. Respectivamente, as amostras (30) e (31) ilustram o que dissemos:

(30) Na próxima sexta-feira, o presidente nacional do PT, Rui Falcão, vai se reunir com o secretário de Comunicação do partido, José Américo, o vice-presidente da legenda, Alberto Cantalice, o jornalista Leandro Fortes e outras quatro pessoas que produzem conteúdo para os canais oficiais do PT na internet. Segundo petistas, *foi* ***Cantalice*** *quem aprovou o artigo "A balada de Eduardo Campos"*, divulgado no último dia 7, que chama o governador de Pernambuco de "playboy mimado" que "vendeu a alma à oposição" e a ex-senadora petista de "ovo da serpente".[23]

---

[22] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/146522-o-psdb-de-campos-e-marina.shtml>. Acesso em: 12 maio 2014.

[23] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/147758-direcao-do-pt-vai-monitorar-textos-na-web.shtml>. Acesso em: 01 maio 2014.

(31) Ex-goleiro e hoje técnico, Waldir Peres acredita que Rossi deva ter, durante o jogo, confundido confiança com presunção. "São coisas bem diferentes. O nosso time tinha confiança, sabia se posicionar, sabia jogar. Ninguém desprezou ninguém. ***A Itália*** *é que soube vencer o Brasil*. É o futebol", comentou Peres.[24]

Ainda no plano dos sintagmas nominais, os pronomes pessoais e os demonstrativos também podem ocupar a posição focal na sentença. Vale dizer que, nesta pesquisa, consideramos como integrantes do mesmo grupo os pronomes pessoais, os demonstrativos e os de tratamento. As ocorrências (32), (33) e (34) ilustram, respectivamente, essa situação:

(32) Caffarelli chefiou a área de atacado do BB, além de cartões e internacional. O financiamento de infraestrutura é o tema que ele mais se aprofundou nos últimos anos. *Foi* ***ele*** *quem negociou com o BNDES e com os bancos privados as participações nas concessões, além dos socorros ao setor elétrico no ano passado*.[25]

(33) Recentemente anunciaram que uma mulher seria presidenta de uma estatal. Todos os comentários da notícia versavam sobre sua aparência: "Essa eu comeria fácil" ou "Até que não é tão baranga assim". O primeiro comentário sobre uma mulher é sempre esse: feia. Bonita. Gorda. Gostosa. Comeria. Não comeria. Só que ela não perguntou, em momento nenhum, se alguém queria comê-la. *Não era* ***isso*** *que estava em julgamento* (ou melhor: não deveria ser). Tinham que ensinar na escola: 1. Nem toda mulher está oferecendo o corpo. 2. As que estão não são pessoas piores.[26]

(34) Muito tempo pode se passar entre a recomendação do Banco Central e a adoção das boas práticas pelas instituições financeiras. Não espere que cuidem de você. O

---

[24] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/01/1403024-para-ex-goleiro-da-selecao-havia-confianca-nao-presuncao-em-1982.shtml>. Acesso em: 01 maio 2014.

25 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/203119-bancos-estatais-mudam-comando-para-buscar-blindagem-politica.shtml>. Acesso em: 28 abr. 2014.

26 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/146482-xingamento.shtml>. Acesso em: 12 fev. 2014.

relacionamento entre você e o seu banco será do jeito que tem de ser se você quiser, afinal, *é* ***você*** *que paga a conta*. [27]

Os pronomes, que, em nosso córpus, ocorreram na posição de foco apenas em CLIV e É QUE, veiculam sempre informação dada. Por essa razão, é natural que eles sejam colocados de forma anteposta nessas construções. Da mesma forma, os substantivos focalizados em situação anteposta nessas sentenças também veiculam, preferencialmente, informação dada. Analisando a categoria gramatical de forma cruzada com o estatuto informacional, vimos que 70% dos substantivos focalizados em CLIV e 68% em É QUE veiculam informação dada.

Em contrapartida, 86% dos substantivos focalizados nas sentenças PC veiculam informação nova. Esses constituintes são sempre realizados em situação posposta à cópula. Isso pode explicar, talvez, a pouca incidência de pronomes encontrados nesse tipo de construção. Uma vez que pronomes sempre veiculam informação dada e uma vez que as PC preferem focalizar constituintes que veiculam informação nova, a incidência de pronomes em PC é menor. Ao menos, foi isso que constatamos em nosso córpus, uma vez que, dos 1208 textos analisados, nenhuma ocorrência de pronome focalizado em PC foi encontrada.

Vale dizer, ainda, que nossos resultados estão em concordância com o que encontrou Longhin (1999) em seu córpus de modalidade discursiva falada. Em seu estudo, a autora encontrou apenas uma ocorrência de um constituinte focalizado por pronome pessoal, diante de uma gama de 82 ocorrências de PC. Isso corrobora o que foi apresentado por nós.

Nesse sentido, os dados encontrados por nós também apresentam resultados semelhantes aos encontrados por Longhin (1999). Vimos, em nosso córpus, que os Sintagmas Preposicionais e os Advérbios ocorrem, na mesma medida, tanto em construções CLIV (31% e 15%, respectivamente) como em É QUE (21% em ambas as categorias). A seguir, apresentamos um exemplo de Sprep focalizado em (35) e de um advérbio em (36).

---

27 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/146513-o-relacionamento-entre-voce-e-o-seu-banco-do-jeito-que-tem-de-ser.shtml>. Acesso em: 24 fev. 2014.

(35) A maior rivalidade no complexo, porém, é de presos da capital versus presos do interior do Estado. Eles formam duas facções diferentes. Essa rivalidade é citada em relatório do CNJ (Conselho Nacional de Justiça), que conclui que o governo tem sido incapaz de coibir a violência. *Foi* ***de dentro do complexo*** *que saíram as ordens para os atentados ocorridos no último final de semana*.[28]

(36) Os Cassetas estão de volta. Eles são a cereja do bolo de um novo portal de entretenimento da Globo, que contará com conteúdo inédito, produzido especialmente para a internet. Trata-se do GShow, que além de agregar os sites de novelas e entretenimento, terá séries e produtos humor exclusivos. *É* ***aí*** *que entra a turma do "Casseta & Planeta"*, que deixou a TV em 2012, com o final do "Casseta & Planeta, Vai Fundo". Eles estão desenvolvendo um novo programa de humor para o GShow, com esquetes e paródias.[29]

Os SPreps não mostraram qualquer relação, em nosso estudo, com o grupo de fatores Estatuto Informacional, uma vez que obtivemos os mesmos resultados para os constituintes focalizados que veiculam informação nova e dada nas CLIV (45% nova, 45% dada e 10% inferível) e nas É QUE (50% nova, 50% dada). Enfatizamos, então, que, de acordo com nossos dados, a veiculação de informação não se configura como um fator condicionante para o uso de sintagmas preposicionais em construções clivadas. Não mencionaremos, nesse aspecto, o uso dos SPreps e dos advérbios nas PCs porque não obtivemos exemplares desse quesito.

Resta-nos apontar, ainda, a questão da realização de orações como constituintes focalizados nas sentenças clivadas. Em nosso córpus, esse tipo de constituinte obteve o menor índice de realização diante de todos os outros. De todas as ocorrências encontradas por nós, apenas 7% (10 ocorrências) se apresentam sob a forma de orações, de modo bem irregular: 02 aconteceram em CLIV, 05 em É QUE, e 3 em PC. A seguir, apresentamos um exemplo em que uma oração é focalizada:

---

28 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/146701-presos-filmam-decapitados-no-maranhao.shtml>. Acesso em: 18 fev. 2014.

29 Disponível em: <www.folha.uol.com.br/2014/01/07/cassetas-voltam-a-globo-em-novo-portal-na-web>. Acesso em: 12 mar. 2014.

(37) Tal sistema torna os candidatos fortemente dependentes de seus doadores. E as relações promíscuas que se estabelecem entre empresas e políticos são uma das maiores fontes de corrupção no país, sugando recursos públicos que deveriam ser usados para atender as demandas da população. *Foi* ***justamente para reduzir tais distorções*** *que a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) propôs a ação direta de inconstitucionalidade nº 4.650 perante o Supremo Tribunal Federal*, que já conta com quatro votos favoráveis.[30]

O interessante é que, apesar de termos encontrado poucas ocorrências para orações (que, em nosso córpus, aparecem na forma adverbial – causa e finalidade), apenas uma oração veicula informação dada. Ou seja, se fizermos uma proporção, veremos que 88% das orações focalizadas nas construções clivadas veiculam informação dada em nossos dados. Além disso, vale destacar que, apesar de não terem sido incluídas em nossa tabela (pois, como dissemos, apenas três exemplos foram encontrados, o que poderia interferir nos resultados), duas construções SER ocorrem sob a forma de oração, veiculando, também, informação nova. Apesar de os dados serem poucos, consideramos interessante o fato de que, das poucas construções encontradas em nosso córpus, 67% são oracionais. Isso pode ser mais bem discutido em estudos posteriores voltados para essa construção, tendo em vista que não foi encontrada na literatura a que tivemos acesso uma relação entre constituintes oracionais focalizados veiculando informação nova em construções SER[31].

Para encerrar esta subseção, apresentamos, a seguir, a Tabela 4, em que se pode encontrar os nossos resultados sobre o cruzamento de cada categoria gramatical com os estatutos informacionais em CLIV, É QUE e QUE:

---

30 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/147265-rumo-ao-financiamento-democratico.shtml>. Acesso em: 28 abr. 2014.

[31] Reiteramos aqui que as ocorrências das sentenças SER e QUE tiveram pouca representatividade em nossa pesquisa, uma vez que foram encontrados apenas três exemplares para cada um desses tipos. Por essa razão, não as incluímos nem na tabela acima nem nas posteriores. Isso não quer dizer, porém, que não façamos, oportunamente, menção a essas construções.

Tabela 4 – Tabulação Cruzada – Categoria Gramatical e Estatuto Informacional em CLIV, É QUE e QUE:

		Sintagma Nominal				**S. Adv.**		**S. Prep.**		**Oração**		**TOTAL**	
		Subst.		**Pron.**									
		N.	%	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%
CLIV	Dado	**13**	68	**11**	100	**9**	100	**8**	45	--		41	71
	Novo	4	21	--	--	--	--	**8**	45	1	100	13	22
	Inferível	2	11	--	--	--	--	2	10	--	--	04	07
	TOTAL	19	100	11	100	9	100	18	100	1	100	58	100
É QUE	Dado	**07**	70	**02**	100	**03**	50	**03**	50	01	20	16	55
	Novo	02	20			**03**	50	**03**	50	**04**	80	12	41
	Inferível	01	10	--	--	--	--	--	--	--	--	01	04
	TOTAL	10	100	02	100	06	100	06	100	05	100	29	100
PC	Dado	06	16	--	--	--	--	--	--	--	--	06	15
	Novo	**31**	84	--	--	--	--	--	--	**03**	100	34	85
	Inferível	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--
	TOTAL	37	100							03	100	40	100

4.3 Função Sintática dos constituintes focais

Nesta subseção, direcionamos nossa análise para a função sintática dos constituintes focais. Vale dizer que, em nossas ocorrências, foram encontradas as funções de sujeito, circunstancial e objeto. Longhin (1999), em seus dados sincrônicos de fala, encontra, ainda, a função de predicativo do sujeito; esta, porém, não aparece em nossa pesquisa.

A seguir, apresentamos a Tabela 5, que traz as ocorrências de acordo com as sentenças clivadas analisadas:

Tabela 5 – Função Sintática dos constituintes focais das sentenças clivadas.

	CLIV		**É QUE**		**PC**		**Total**	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	N.	%
Sujeito	**29**	**50**	11	38	**34**	**85**	74	59
Circunstancial	24	41	**17**	**60**	00	00	41	32
Objetos	05	09	01	03	06	15	12	09
TOTAL	58	100	29	100	40	100	127	100

Por meio dos dados apresentados, podemos perceber que, nas CLIV, são bem próximas as quantidades de ocorrências em que sujeito (50%) e circunstancial (40%) aparecem como constituintes focais. Os exemplos (38) e (39) ilustram, respectivamente, essas ocorrências. Os constituintes que assumem a função de objeto nessas construções é relativamente pequena se comparada às outras duas funções (9%); um exemplo que ilustra esse caso é apresentado na ocorrência (40).

(38) "No geral, o romance histórico decaiu no século 20. Não em interesse, porque Dumas continua sendo lido, mas em prestígio a ficção toma outro rumo, mais moderno", diz Jefferson Cano, especialista em literatura e história. A extensão do passado também influi no desinteresse nacional. "O romance histórico europeu volta à Idade Média, o que não temos aqui", diz o professor da Unicamp Mário Frungillo.
Mas *foi* ***a ideia da "Idade Média brasileira"*** *que fez Samir Machado de Machado, 32, investigar conflitos de índios, espanhóis e portugueses nas fronteiras sulinas do século 18*, em "Quatro Soldados".[32]

(39) O levantamento feito pela Folha considerou as Copas a partir de 1998, quando há dados confiáveis disponíveis a respeito da data das inaugurações dos estádios. *Foi*

[32] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/147154-uma-historia-mais-ou-menos-assim.shtml>. Acesso em: 25 fev. 2014.

também nesse ano *que os Mundiais passaram a ter grandes obras para estádios* (caso do Stade de France, construído para ser a principal arena daquele torneio) e *que Blatter assumiu a presidência da Fifa*.[33]

(40) Embora quase impossível, se abstrairmos o que há de monstruoso na ação dos detentos maranhenses, há também ali um grito de desespero, uma maneira cruel e sanguinária de dizer que não é possível viver naquela situação excluída por completo do cânone civilizado. Celas com 13 presos em espaço onde caberiam apenas quatro. Galinha crua como refeição. Cheiro nauseante de fezes, urina e comida estragada. *Foram* ***tais amostras superficiais do inferno penitenciário*** *que a Folha colheu em presídio de São Luís análogo ao do horrendo filme*.[34]

Nas construções É QUE, os circunstanciais são mais frequentes, com 61% das ocorrências, seguidos pelas funções de sujeito (31%) e de objeto (8%). Os exemplos são apresentados, respectivamente, pelas amostras (41), (42) e (43).

(41) Com 37%, o"chupa", camarada, é o gesto mais desprezível de um homem fanático, segundo a pesquisa "Como torce o brasileiro", publicada na última edição da revista "VIP". Soltar fogos para comemorar vem em segundo, com 32%; colocar o hino no clube para estourar os tímpanos fica em terceiro, na marca de 27%; na sequência, empatado com 24%, assoprar buzinas ou vuvuzelas e atormentar a cidade com o festim das buzinas. ***Por estas e por outras*** *é que as mulheres são mesmo seres superiores*. O "chupa" é odiado inclusive pelas que amam incondicionalmente o futiba. Já tive prova disso lá em casa. O famigerado grito não pega bem mesmo. Como sou, assumidamente, um populista do amor, evito a todo custo desagradá-las.[35]

(42) A banalização da forma não significa, porém, a do entendimento: recordo-me de uma senhora, que escolhia esse produto no supermercado, ter me dito que "só comprava xampu

---

[33] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/146661-blatter-ameniza-critica-mas-estadios-no-brasil-tem-sim-o-maior-atraso.shtml>. Acesso em: 25 fev. 2014.

[34] Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/147190-apartheids-no-pais-da-copa.shtml>. Acesso em: 18 fev. 2014.

[35] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/xicosa/2014/01/1399610-mulher-odeia-o-chupa.shtml>. Acesso em: 02 mar. 2014.

com DNA". Fazia questão de ver a dupla hélice estampada no invólucro. Na ocasião, perguntei, curiosa, por quê. Ela explicou que ***aquela hélice*** *é que se enrolava nos fios*, deixando os cabelos brilhantes e sedosos.[36]

(43) DESCUBRA O PONTO FRACO: As distrações podem ser muitas, mas sempre há aquela que o atrai mais. Descubra ***o que*** *é que você não consegue resistir*. Só assim poderá pensar em boas estratégias para evitá-la.[37]

Nossos dados, assim, estão em concordância com os resultados obtidos por Braga (1995) tanto no que se refere à frequência de ocorrências nas CLIV quanto nas É QUE. Segundo a autora, ao descrever a função sintática dos constituintes focais das sentenças clivadas, com referência ao subgrupo que inclui as CLIV e as É QUE, "os dados revelam que as primeiras [CLIV] tendem a se especializar na focalização de *sujeitos*, enquanto as segundas [É QUE] na focalização de *circunstâncias*" (BRAGA, 1995, p. 291).

Em nosso córpus, a situação muda completamente quando nos voltamos à análise das PC, em que quase todas as ocorrências apresentam o seu constituinte focal na função de sujeito (92%), sendo o restante tomado pela função de objeto (8%); não houve, então, nenhuma ocorrência nos textos escritos cujo constituinte focal estivesse na função circunstancial. A seguir, vemos, em (44), um exemplo em que o sujeito é focalizado em uma PC e, em (45), um objeto.

(44) Lição adicional tem a ver com a continuação da globalização. Em que pesem as ameaças oriundas da crise financeira e as profecias do retorno do protecionismo, 2013 assistiu ao lançamento de duas meganegociações comerciais. Pode ser que o Acordo Transpacífico ou o Transatlântico não correspondam a suas ambiciosas promessas. Alguma coisa, porém, há de sair do esforço.

---

[36] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/149332-espiral-infinita.shtml>. Acesso em: 25 fev. 2014.

[37] Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/0/#folders/0BzrShNc81TaxU3pWOHdwZm1vaXM>. Acesso em: 15 fev. 2014.

Ao lado da demonstração de que o anúncio da morte da Organização Mundial de Comércio tinha sido exagerado, essas negociações provam que a unificação dos mercados em escala planetária continua a avançar, embora em ritmo moderado.
O que não se concretizou foi ***a crença ingênua de que o comércio globalizado traria consigo nova era de harmonia para as relações internacionais***.

(45) "Muitas atividades de fiscalização não são feitas por falta de recursos, seja falta de pessoal, seja de equipamentos", afirma. "*O que a agência faz hoje são* ***apenas checagens pontuais***."[38]

Em (44), podemos perceber que o sujeito destacado se apresenta sob a sua forma oracional. Segundo Longhin (1999), é interessante atentar-se a esse cruzamento entre a função sintática e a categoria gramatical. Para a autora, esse cruzamento:

> [...] mostra que os sujeitos são realizados geralmente por substantivos e, nesse caso, podem ser realçados por CLIV, É QUE e PC. No entanto, se o sujeito é realizado por pronome (pessoal ou demonstrativo) a tendência é não usar PC, em favor das CLIVs e É QUEs. **Contrariamente, se o sujeito é oracional, a PC parece mais adequada**. Similarmente, os objetos diretos, quando realizados por substantivos ou orações, são mais focalizados por PCs, mas se esses objetos são pronomes, a CLIV é a opção mais frequente. Objetos indiretos, por seu lado, são realizados basicamente por sintagmas preposicionais e mais focalizados por CLIVs e É QUEs. Os circunstanciais são realizados por sintagmas preposicionais e advérbios, e portanto, preferencialmente focalizados por CLIV e É QUE (LONGHIN, 1999, p. 140).

Os resultados apresentados pela autora estão em conformidade, também, com o que apresenta Braga (1989). Ambos os resultados provêm, como dissemos várias vezes nesta dissertação, de córpus de textos falados. Dessa forma, nossos resultados, ao se mostrarem equivalentes ao de ambas as autoras, mostram que não há divergência quanto ao que ocorre em textos escritos.

Por fim, retomando um de nossos objetivos iniciais, qual seja, o de verificar como a informação é veiculada pelos constituintes das sentenças clivadas de acordo com

---

[38] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/147059-fundo-para-teles-paga-inss-e-bolsa-familia.shtml>. Acesso em: 16 mar. 2014.

os grupos de fatores que ora elegemos, fizemos o cruzamento do estatuto informacional dos constituintes das sentenças clivadas com as suas funções sintáticas. Os resultados são apresentados nas tabelas a seguir:

Tabela 6 – Função sintática e Estatuto Informacional nas CLIV.

	SUJEITO		**CIRCUNSTANCIAL**		**OBJETO**		**TOTAL**	
	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%
Dado	**18**	**62**	**15**	**63**	**03**	**60**	**36**	**62**
Novo	09	31	07	29	02	40	18	31
Inferível	02	07	02	08	--	--	04	07
Total	29	100	24	100	05	100	58	100

Tabela 7 – Função sintática e Estatuto Informacional nas É QUE.

	SUJEITO		**CIRCUNSTANCIAL**		**OBJETO**		**TOTAL**	
	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%
Dado	**08**	**73**	**11**	**65**	**01**	**100**	**20**	**69**
Novo	02	18	06	35	--	--	08	28
Inferível	01	09	--	--	--	--	01	03
Total	11	100	17	100	01	100	29	100

Tabela 8 – Função sintática e Estatuto Informacional nas PC.

	SUJEITO		**OBJETO**		**TOTAL**	
	N.	%	N.	%	N.	%
Dado	06	17	--	--	06	15
Novo	**28**	**80**	**05**	**100**	**33**	**82,5**
Inferível	01	03	--	--	01	2,5
Total	35	100	05	100	40	100

Como podemos ver nas Tabelas 6 e 7, tanto os constituintes focalizados que têm a função de sujeito, circunstancial e objeto nas CLIV e É QUE veiculam, preferencialmente, informação dada. De acordo com a Tabela 8, vemos que, nas PC, seja na função de sujeito, seja na função de objeto, o constituinte focal veicula, na maioria das vezes, informação nova. Nessa tabela, não incluímos a coluna do “circunstanciais”, em virtude da não ocorrência dessa função nas PC em nossos dados. Vale dizer que esses resultados vão ao encontro do que Braga (1995, p, 291) encontrou em ocorrências extraídas de textos falados: "assim, as Clivadas Propriamente Ditas e as construções É Que salientam sujeitos velhos [...], sem alterar sua ordem neutra, enquanto as pseudo-clivadas ressaltam sujeitos novos [...] e sempre alteram sua posição neutra".

4.4 Dimensão dos constituintes focais

Givón (1990), ao correlacionar forma e função, expressão e significado, suscita o conceito de iconicidade. Para o autor, a estrutura da língua reflete a estrutura da experiência, ou seja, ela revela as propriedades da conceitualização do homem sobre o mundo ou as propriedades da mente humana. Givón (1990) apresenta a iconicidade, então, sob três diferentes subprincípios: o subprincípio da ordenação linear, em que os elementos linguísticos são dispostos de acordo com a sua ordem de importância (para o falante); o subprincípio da integração, que mostra que quanto mais próximos

cognitivamente estejam os conteúdos, mais próximos eles estarão na codificação linguística; e o subprincípio da quantidade, segundo o qual a extensão dos constituintes está diretamente relacionada com a quantidade de informação veiculada, com o grau de previsibilidade e de novidade desse constituinte, bem como com a importância discursiva dos seus referentes.

Em nossa pesquisa, selecionamos, então, o subprincípio da quantidade para avaliar se existe alguma relação entre a produção das clivadas, a dimensão do seu constituinte focalizado e a veiculação de informação realizada por esse constituinte.

A investigação desse parâmetro nas sentenças clivadas já foi realizada em Geluyken (1988 apud BRAGA, 1991), em Prince (1978), em Braga (1991), bem como em Longhin (1999); nesses estudos, foi atestada a importância de se realizar essa avaliação. Braga (1991) mostrou que a dimensão dos constituintes focais pode explicar, por exemplo, o uso de formas alternantes de clivagem.

Em Longhin (1999, p. 157), encontramos uma explicação que resume bem as máximas do subprincípio de quantidade:

> a) quanto maior for a quantidade de informação a ser transmitida ao interlocutor, maior será a quantidade de forma a ser utilizada na codificação morfossintática dessa informação; b) quanto mais imprevisível (mais nova) for a informação para o interlocutor, tanto maior será a quantidade de forma a ser utilizada; c) quanto mais previsível (mais pressuposta, mais disponível) for a informação para o interlocutor, menor será a quantidade de forma a ser utilizada; d) quanto mais importante for a informação em termos da continuidade temática ou discursiva, maior será a quantidade da forma requerida para codificá-la.

Ao levar isso em consideração, consideramos, tal como fazem Braga (1991) e Longhin (1999), como *curtos* os constituintes que têm 5 sílabas ou menos; *médios*, os que têm de 6 a dez sílabas; e *longos*, os que têm onze ou mais sílabas.

Seguindo esses critérios, encontramos o seguinte resultado em nosso córpus:

Tabela 9 – Dimensão dos constituintes focais das sentenças clivadas.

	CLIV		**É QUE**		**PC**		**TOTAL**	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Curta	**34**	**59**	**14**	**48**	05	13	53	42
Média	14	24	06	21	12	30	32	25
Longa	10	17	09	31	**23**	**57**	42	33
Total	58	100	29	100	40	100	127	100

Como podemos ver, as três variantes dimensionais são realizadas nos tipos de clivagem que apresentamos. Os constituintes focais curtos são os preferidos, com 42%, seguidos pelos longos (33%) e médios (25%).

Especificamente, nossos resultados mostram que as sentenças CLIV e É QUE apresentam, na maioria das ocorrências, constituintes focais cuja dimensão é *curta*; ambas tiveram, respectivamente, 59% e 48% de ocorrência. Mais uma vez, a situação é invertida no contexto das sentenças PC, em que os constituintes focais apresentam, em sua maioria, uma dimensão longa. A seguir, apresentamos ocorrências prototípicas para as construções que analisamos, ou seja, um exemplo com o constituinte focalizado curto em CLIV (46), e em É QUE (47) e um longo em PC (48):

(46) Pois se Deus assim nos fez, Deus assim nos quer. Ou não? Somos o Seu' exército de soldadinhos de chumbo, cada qual diferente do outro: nunca dois serão iguais, para deleite de um Deus cruel que nos cria díspares justamente para que desejemos o que não temos... Pois é isso! *É* ***de Deus*** *que brota a inveja*! É desse Deus que implantam dentro de nós, desse carrasco que instalam em nossas entranhas, *é* ***Dele*** *que nasce a inveja!* E, por ironia do criador, é para Ele próprio que ela se volta, pois quem é que não inveja Deus?! Mozart

é Deus, estás me ouvindo, Wolfgang? Antonio Salieri quer ser o Deus Mozart, estás me ouvindo ainda, Wolfgang Amadeus?[39]

(47) Essa qualidade geográfica se aprofunda se pensarmos que "Inch'Allah" se abre por um atentado num assentamento israelense em terra palestina. A vizinhança é tão cerrada, nesse território teoricamente palestino recortado por ilhas israelenses, quanto é violenta a sensação que se transmite da Cisjordânia como território ocupado.
A intriga serve para ilustrar essas questões e demonstrar a dificuldade de convivência numa situação em que ***as armas*** *é que têm a palavra final*. Chloé tem amizade com Ava, uma jovem que serve o exército de Israel e trabalha num desses postos de fronteira.[40]

(48) Caro Cardeal arcebispo,
Vossa Eminência disse em vosso Twitter que o especial de Natal do Porta dos Fundos era de "péssimo mau gosto". Poderia dizer que V. Emmo. cometeu um pleonasmo, pois na palavra "péssimo" já está incluída a palavra "mau", mas vou supor que V. Emmo. tenha "redundado" propositalmente, para fins estilísticos. Entristece-me, pois gostaria que o nosso especial de Natal tivesse agradado a todos (embora o homenageado em questão não tenha agradado).
O que me consola é ***que não somos os primeiros a termos o gosto julgado mau ou péssimo ou ambos pela vossa Igreja***. Na realidade, arrisco-me a dizer que estamos em boa (e vasta) companhia. Entre os numerosos condenados, está um astrônomo de nome tão redundante quanto a vossa expressão.[41]

É importante dizer que Braga (1991) e Longhin (1999) encontraram resultados semelhantes aos que encontramos. Não incluímos na tabela as ocorrências de QUE e de SER pela baixa ocorrência de realização em nosso córpus; no entanto, em 100% das ocorrências de QUE, há a realização de constituintes curtos e, em 100% das ocorrências

---

[39] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/146337-ah-a-inveja.shtml>. Acesso em: 22 fev. 2014.

[40] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/147157-filme-retrata-rotina-tensa-em-territorio-palestino-e-israelense.shtml>. Acesso em: 11 fev. 2014.

[41] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/147453-pessimo-mau-gosto.shtml>. Acesso em: 12 abr. 2014.

de SER, temos, ao contrário, a realização que constituintes longos. A seguir, apresentamos, respectivamente, exemplos em (49) e em (50) de QUE e SER:

(49) A empresária conta que começou a se sentir deslocada a partir do seu segundo dia de confinamento e disse que não guardava mágoa de Aline por ter se afastado dela após terem entrado juntas no programa.

Não fui eu quem se afastou dela, ***ela*** *que se afastou de mim*. A gente tinha que se desgrudar para ganhar espaço, até por que uma das duas iria sair. Aconteceu de eu me identificar mais com as meninas e ela se interessar pelo Fernando.[42]

(50) Abomina a tecnologia dos alimentos geneticamente modificados, que demandam menos agroquímicos. Escamoteia da opinião pública que o Brasil tem, intocados, 61% do território, enquanto a agropecuária ocupa apenas 27,7%.

Aliás, na Amazônia, o Código Florestal que ela reputa um retrocesso só permite o plantio e a criação em 20% das propriedades privadas. E não remunera o produtor que mantém, preservados, os demais 80% de sua área.

Mas o discurso desaba mesmo é ***quando a confrontamos com sua própria "produtividade" à frente do Meio Ambiente***.[43]

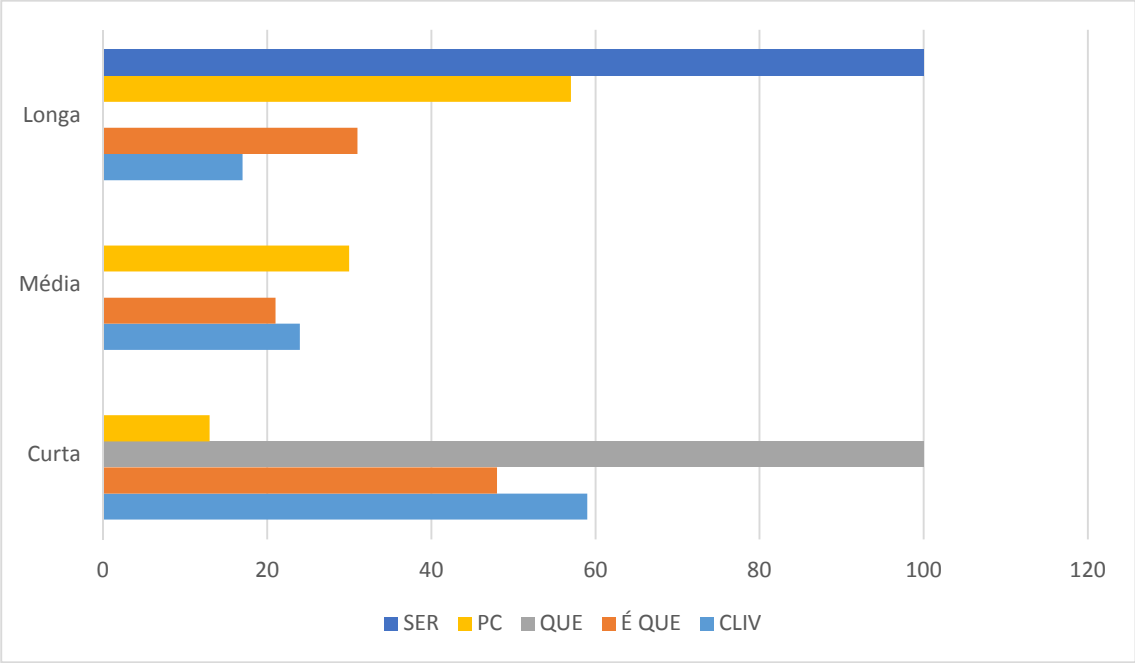
Como podemos ver, as duas famílias de clivadas apontam para uma regularidade com relação à dimensão dos constituintes que focalizam: a família formada pelas CLIV, QUE e É QUE apresentam constituintes focais curtos em posição anteposta; em contrapartida, PC e SER focalizam constituintes longos em posição posposta à cópula. Isso pode ser mais bem visualizado no Gráfico 2, em que apresentamos as cinco alternantes clivadas:

---

[42] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/01/1580405-primeira-a-deixar-a-casa-julia-diz-que-nao-estava-preparada-para-ser-uma-bbb.shtml>. Acesso em: 29 maio 2014.

[43] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/147228-ambientalismo-improdutivo.shtml>. Acesso em: 03 mar. 2014.

Gráfico 2 – Dimensão das sentenças clivadas.



Braga (1991; 1995) apontou, ainda, um outro tipo de relação entre as clivadas e a dimensão dos constituintes focais: o estatuto informacional. Sabendo disso, cruzamos nossos dados para identificar como se dá a veiculação da informação pelas três dimensões dos constituintes focais nas sentenças clivadas em nossas ocorrências de textos escritos. Os resultados desse cruzamento são apresentados nas Tabela 10, 11 e 12.

Tabela 10 – Estatuto Informacional de CLIV de acordo com a dimensão dos constituintes focais.

	CURTA		**MÉDIA**		**LONGA**		**TOTAL**	
	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%
Dado	**27**	**79**	05	36	04	40	36/58	**62**
Novo	06	18	**07**	**50**	**05**	**50**	18/58	31
Inferível	01	03	02	14	01	10	04/58	07
Total	34	100	14	100	10	100	58	100

Tabela 11 – Estatuto Informacional de É QUE de acordo com a dimensão dos constituintes focais.

	CURTA		**MÉDIA**		**LONGA**		**TOTAL**	
	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%
Dado	**08**	**57**	02	33	02	22	19	**66**
Novo	05	36	**04**	**67**	**07**	**78**	09	31
Inferível	01	07	--	--	--	--	01	03
Total	14	100	06	100	09	100	29	100

Tabela 12 – Estatuto Informacional de PC de acordo com a dimensão dos constituintes focais.

	CURTA		**MÉDIA**		**LONGA**		**TOTAL**	
	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%
Dado	**02**	**75**	03	25	01	04	06	15
Novo	01	25	**10**	**75**	**23**	**96**	34	**85**
Inferível	--	--	--	--	--	--	--	--
Total	03	100	13	100	24	100	40	100

De acordo com o que é apresentado na Tabela 10, vemos que 79% dos constituintes focais curtos das CLIV veiculam informação dada; no entanto, os constituintes médios e longos apresentam uma ligeira vantagem quando veiculam informação nova (50% e 67%, respectivamente). Nas construções É QUE, o resultado é bastante semelhante: 57% dos constituintes focais curtos introduzem informação dada, enquanto 67% dos médios e 78% dos longos veiculam informação nova (Tabela 11). Com as PC, cuja maioria das ocorrências veicula informação nova, temos um interessante padrão que segue o que se realiza com as CLIV e É QUE: os constituintes focais curtos

revelam uma preferência por informação dada (75%), enquanto os médios e longos se especializam em veicular informação nova (75% e 96%, respectivamente – Tabela 12). De qualquer maneira, vemos que CLIV e É QUE têm maior frequência na focalização de constituintes curtos dados, e PC, na focalização de constituintes longos e novos.

Dissemos que o resultado é interessante porque, apesar de haver uma maior relação entre CLIV e É QUE com a veiculação de informação dada, e de PC com informação nova, a proporção de veiculação de informação pela dimensão dos constituintes não é afetada nos três tipos de construções. Isso pode indicar que, na verdade, a dimensão está diretamente relacionada com o tipo de informação veiculada. Logo, constituintes focais **curtos** tendem a veicular informação **dada**, ao passo que constituintes **médios** e **longos** veiculam, prioritariamente, informação **nova**, não importando o tipo de construção clivada utilizada.

4.5 Contraste dos constituintes focais

Nesta pesquisa, buscamos descrever, ainda, o contraste dos constituintes das sentenças clivadas, classificando-os como implícitos ou explícitos. Como dissemos na seção de fundamentação teórica desta pesquisa, estamos considerando o contraste de acordo com a visão de Taglicht (1984). Assim, se conseguimos recuperar o par de opostos por meio do contexto, consideramos contraste explícito. Se apenas um do par de opostos é apresentado no constituinte focal da sentença clivada, e o(s) outro(s) possível(is) não estiver(em) presente(s), consideramos contraste explícito. A seguir, apresentamos, em (51), um exemplo em que o constituinte focalizado apresenta contraste explícito e, em (52), um exemplo com contraste implícito:

(51) Após terminar 2013 entre os titulares, o atacante Ademílson, 20, voltou a ter uma chance na equipe principal e formou dupla com Luis Fabiano, ontem, em Cotia. *Quem perdeu a vaga foi* ***o atacante Osvaldo***, que teve participação sem destaque no jogo-treino contra o Marília, anteontem, quando foi titular.[44]

[44] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/147913-ademilson-e-testado-no-ataque-e-osvaldo-retorna-a-reserva.shtml>. Acesso em: 8 fev. 2014.

(52) "O Lobo de Wall Street", "Blue Jasmine" e "Ela", um globo cada. Diversos filmes dessa ótima safra saíram de mãos vazias, de "Nebraska", "Inside Llewyn Davis" e "Filomena", e outros, como Fruitvale Station, sequer indicados.

A TV *é que precisa dar uma chacoalhada*, depois de temporadas menos boas de "Homeland", "Girls", "Downton Abbey", "Modern Family", "True Blood" e "Mad Men", ignoradas na premiação.[45]

Em (51), o constituinte focal da PC "O atacante Osvaldo" faz um contraste explícito com o SN "O atacante Ademílson". De acordo com o texto, "Ademílson", jogador que estava no banco de reservas, foi para a equipe oficial e, em seu lugar, Osvaldo foi para o banco de reservas (e, por isso, foi quem "perdeu a vaga"). Logo, como é possível recuperar no texto ambos os constituintes que fazem parte do par de oposto, consideramos (51) explícito (e todas as outras ocorrências do córpus que seguem esse modelo).

O par de opostos em (52), apesar de ser sugerido pelo contexto, não aparece de forma explícita. No entanto, a clivagem do constituinte focal sugere o contraste entre a TV e outros possíveis elementos, como "O Lobo de Wall Street", "Blue Jasmine", "Ela", "Nebraska", "Inside Llewyn Davis", "Filomena" e "Fruitvale Station", ou com o constituinte pressuposto não mencionado "cinema". De qualquer forma, quando um do par de opostos não aparece explicitamente, consideramos que há um contraste implícito. Foi dessa maneira que agimos ao analisar nossas ocorrências.

Na Tabela 13, apresentamos os resultados que obtivemos:

[45] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/01/1396924-globo-de-ouro-comprova-recuperacao-do-cinema-em-2013.shtml>. Acesso em: 5 abr. 2014.

Tabela 13 – Contraste nas sentenças clivadas.

	CLIV		**É QUE**		**PC**		**TOTAL**	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Explícito	26	45	05	18	10	25	41	32
Implícito	**32**	**55**	**24**	**82**	**30**	**75**	**86**	**68**
Total	58	100	29	100	40	100	127	100

Em nossos dados, todos os tipos de sentenças clivadas apresentaram uma maior realização de contrastes implícitos em seus constituintes focais. De todas, a construção É QUE foi a que mais apresentou evidências de contraste implícito na realização dos dados de nosso córpus. Assim, embora esses três tipos de construções clivadas possam funcionar como estratégias contrastivas, nenhum deles o faz de modo categórico, ou seja, explicitamente.

Nossos resultados estão em consonância com os obtidos por Braga (1992) e por Longhin (1999). Braga (1992), diante desse contexto, explica o fato de as sentenças clivadas serem associadas a uma leitura contrastiva. De acordo com a autora, essa leitura se dá em virtude do padrão acentual característico dessas sentenças, bem como pela presença do auxiliar e/ou pronome relativo.

> Algumas variedades se SCs, consoante a função sintática do constituinte [focal], também implicam mudança de ordem neutra. A incidência dessa constelação de aspectos sobre um constituinte levará à sua focalização e, quase inevitavelmente, a uma interpretação contrastiva, mesmo na ausência do outro membro do par de opostos (BRAGA, 1992, p. 179).

Além disso, é importante perceber que, mesmo o contraste não sendo explícito, pode haver alguma marca formal que contribui para a leitura contrastiva nas clivadas. De acordo com Longhin (1999), a mais comum dessas marcas é a construção paralela, que é frequentemente acompanhada pela oposição negativo/positivo. Além do paralelismo, advérbios focalizadores como "exatamente", "principalmente",

"especialmente", os restritivos "só" e apenas", bem como a negação com "não", sugerem outras alternativas para aquela função, mesmo que elas não estejam explicitadas.

Para ilustrar o que dissemos, apresentamos um exemplo de construções paralelas em (53), um em que há uso do focalizador "exatamente" em (54), um com a marca restritiva "só" em (55) e um com o uso de "não" em (56):

(53) "Eu respondi: Se você colocar, não; ***se eu colocar*** *é que é arte'*. Passei perto de apanhar", escreveu Bruscky.[46]

(54) A ideia de federação é geralmente reconhecida como uma boa coisa. Assim como os conceitos de democracia, liberdade, direitos, autonomia ou constituição evocam nossa imediata simpatia. Quem, publicamente, seria contra uma coisa dessas? *E é* ***exatamente por sua "bondade" intrínseca*** *que esses termos são muitas vezes utilizados como cortina de fumaça para justificar práticas que pervertem seu sentido original*.[47]

(55) Mudança... *Não é* ***só no futebol*** *que o Santos passa por uma grande reformulação*. A diretoria composta por Luis Alvaro de Oliveira Ribeiro, presidente licenciado, está sendo desfeita pela gestão de Odílio Rodrigues, mandatário em exercício.[48]

(56) A divulgação do vídeo com cenas de violência em presídio do Maranhão não é sensacionalismo. É, sim, um ato de compromisso com a verdade e com a sociedade. *O que colabora com a ação criminosa não é* ***a divulgação das imagens***, mas o descaso e a falta de ação das autoridades.[49]

---

[46] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/146593-cara-a-tapa.shtml>. Acesso em: 4 fev. 2014.

[47] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/147192-federacao-falsificada.shtml>. Acesso em: 12 fev. 2014.

[48] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/146659-painel-fc.shtml>. Acesso em: 8 fev. 2014.

[49] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/146913-painel-do-leitor.shtml>. Acesso em: 20 abr. 2014.

Com relação à veiculação de informação realizada pelos constituintes focais com contraste implícito e explícito, a tabulação cruzada mostrou que o fato de a informação ser nova, dada ou inferível não implica uma preferência pela realização de contraste implícito ou explícito em nenhum dos tipos de construções clivadas escolhidos por nós. As tabelas a seguir atestam o que dissemos:

Tabela 14 – Estatuto Informacional de CLIV de acordo com o contraste dos constituintes focais.

	IMPLÍCITO		**EXPLÍCITO**		**Total**	
	N.	%	N.	%	N.	%
Dado	**16**	**50**	**20**	**77**	**36**	**62**
Novo	12	37,5	06	23	18	31
Inferível	04	12,5	--	--	04	07
Total	32	100	26	100	58	100

Tabela 15 – Estatuto Informacional de É QUE de acordo com o contraste dos constituintes focais.

	IMPLÍCITO		**EXPLÍCITO**		**TOTAL**	
	N.	%	N.	%	N.	%
Dado	**16**	**67**	**03**	**60**	**19**	**66**
Novo	07	29	02	40	09	31
Inferível	01	04	--	--	01	03
Total	24	100	05	100	29	100

Tabela 16 – Estatuto Informacional de PC de acordo com o contraste dos constituintes focais.

	IMPLÍCITO		**EXPLÍCITO**		**TOTAL**	
	N.	%	N.	%	N.	%
Dado	02/30	07	04/10	40	06	15
Novo	**28/30**	**93**	**06/10**	**60**	**34**	**85**
Inferível	--	--	--	--	--	--
Total	30	100	10	100	40	100

Como podemos ver, parece que a relação entre o uso de informação dada, nova e inferível está muito mais relacionada ao tipo de construção clivada realizada, como vimos na subseção sobre o Estatuto Informacional dos constituintes focais, do que propriamente à realização de contraste implícito ou explícito. Portanto, nossos dados sugerem uma não interferência da expressão de contraste realizada pelo tipo de informação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, investigamos como se dá a veiculação da informação realizada pelos constituintes focais das sentenças clivadas do português brasileiro contemporâneo, com o objetivo de atestar se o estatuto informacional do constituinte clivado interfere no uso de uma determinada alternante clivada em detrimento de outra.

Para isso, consideramos, inicialmente, as principais propostas funcionalistas para o estudo da Estrutura Informacional das sentenças, em que discutimos as noções de tópico e foco sob uma perspectiva pragmático-discursiva, além de apresentar como a informação pode ser determinada de acordo com o conhecimento compartilhado ou não entre os interlocutores do discurso.

Expusemos, na sequência, as noções por nós adotadas para a discussão sobre as sentenças clivadas. Seguimos os moldes propostos por Halliday (1967), que considera propriedades importantes para que uma sentença seja considerada como clivada. Além disso, seguimos a linha de pensamento funcionalista para o estudo dessas sentenças no português de acordo com as pesquisas de Braga (1989; 1991; 1992; 1995, 1999; 2009) e de Longhin (1999).

Realizadas as considerações teóricas, apresentamos as nossas decisões metodológicas e o córpus por nós construído para a análise, que foi formado por 127 ocorrências de sentenças clivadas extraídas de textos escritos. A partir dessas ocorrências, partimos para a análise dos grupos de fatores estabelecidos por nós: estatuto informacional, grau de ativação dos referentes, categoria gramatical, função sintática, dimensão e contraste.

Assim, quanto ao primeiro grupo de fatores, qual seja, o "Estatuto Informacional", analisado isoladamente, vimos que o grupo de sentenças clivadas escolhido por nós segue padrões bem delimitados. Assim como perceberam Braga (1989) e Longhin (1999), o fluxo informacional ocorre de modo distinto nas duas "famílias" de construções clivadas do português. De um lado, as construções CLIV, É QUE e QUE têm uma forte tendência a focalizar constituintes dados; de outro, as construções PC e SER veiculam informação nova por meio de seus constituintes clivados. Essa veiculação informacional prototípica segue os padrões suscitados por Halliday (1967), para quem as orações seguem a sequência padrão de, primeiro, apresentar a informação que é compartilhada entre falante/escritor e ouvinte/leitor, para depois introduzir a informação que não é compartilhada entre eles; assim, o que é dado vem primeiro e o que é novo,

depois. Dizemos que essas famílias de clivadas seguem esse padrão sobretudo pelo fato de CLIV, É QUE e QUE focalizarem seus constituintes de forma anteposta à cópula, o que explica a preferência pela veiculação da informação dada. As construções PC e SER, por sua vez, em virtude de focalizar os constituintes de modo posposto à cópula, veiculam, por meio desses constituintes, informações novas em sua maioria.

Ainda inseridos no campo de percepção sobre a veiculação da informação, porém voltados ao grau de ativação dos referentes suscitados pelos constituintes focalizados das sentenças clivadas, buscamos perceber se haveria, de fato, uma relação intrínseca a esse grau de ativação que se apresentasse de forma tão regular quanto o estatuto informacional que discutimos anteriormente. Assim, reanalisamos todas as nossas ocorrências a fim de perceber se os constituintes focalizados se apresentavam, com regularidade, sob a forma de [+ ativados] e [-ativados]. Contudo, em nossos dados, essa regularidade não se mostrou de forma satisfatória para o grupo das sentenças PC, SER e QUE, uma vez que os resultados quantitativos destas foram muito próximos para as duas variáveis. Dessa forma, por meio dos nossos resultados, conseguimos afirmar, apenas, que as sentenças CLIV e É QUE preferem focalizar constituintes [+ ativados].

Apesar disso, a análise sobre o grau de ativação dos constituintes focalizados nos levou a um interessante exercício reflexivo sobre a distribuição informacional nas sentenças clivadas. Assumimos, com Halliday (1967) e Lambrecht (1994), que todo constituinte focalizado ativa, por meio da relação estabelecida na sentença clivada, uma relação de novidade informacional. Isso quer dizer que, mesmo em uma sentença clivada em que ambos os constituintes (o que está em foco e o que não está em foco) veiculam informação [+ativada], ou seja, que são recuperáveis a partir de contextos discursivos e pragmáticos anteriores à sua construção, sempre haverá uma relação de novidade em questão suscitada pela interação desses constituintes. Assim, isolados, eles apresentam uma informação acessível; juntos, em relação, apresentam a novidade informativa de que toda enunciação linguística necessita.

Uma vez consideradas as noções sobre como a informação é veiculada pelos constituintes focais das sentenças clivadas, passamos a discutir se o fluxo informacional poderia ser decisivo para a construção gramatical, sintática e semântica das clivadas. Nesse sentido, passamos a descrever quais são as principais categorias gramaticais dos constituintes focalizados por cada tipo de construção clivada. Assim, vimos que, em geral, os nossos resultados, obtidos a partir de córpus da modalidade de enunciação escrita, apresentam resultados bem semelhantes aos encontrados em corpora de fala (BRAGA,

1989; 1991, 2009; LONGHIN, 1999). A preferência pelo uso do sintagma nominal como focalizador, por exemplo, é evidente nos tipos de sentenças clivadas extraídas tanto de textos falados como de escritos. Quanto à interferência do estatuto informacional, por exemplo, vimos que, quando o falante/leitor pretende focalizar informação nova, ele raramente faz uso de pronomes, classe de palavras que tem a característica padrão de veicular informação recuperável do texto/contexto. Em contrapartida, categorias como a dos sintagmas preposicionais não mostraram qualquer relação com a veiculação da informação em nossas ocorrências.

No que se refere à função sintática dos constituintes focais das clivadas, concluímos que as construções CLIV e PC tendem a focalizar, com maior frequência, constituintes que têm a função de sujeito, ao passo que as É QUE focalizam mais circunstanciais. Apesar de CLIV e PC se mostrarem semelhantes quanto à função sintática que focalizam com maior frequência, há que se dizer que, quando o sujeito se dá sob a forma oracional, são as PC as escolhidas para apresentar esse constituinte. Vale dizer que os resultados que encontramos sob a análise desse grupo de fatores também coincidem com os alcançados por Braga (1989; 1991) e Longhin (1999). Assim, nossos resultados, ao se mostrarem equivalentes ao de ambas as autoras, mostram que não há divergência quanto ao que ocorre em textos escritos e falados.

Ao verificar como a informação é veiculada pelos constituintes das sentenças clivadas de acordo com a função sintática, é apresentado com maior relevância o fato de que, em conformidade com os resultados de Braga (1995), CLIV e É QUE salientam, em grande medida, sujeitos que veiculam informação dada, sem alterar a sua ordem neutra, ao passo que as PC ressaltam sujeitos que veiculam informação nova, alterando sempre a sua posição neutra.

O grupo de fatores “dimensão” apresentou resultados interessantes neste estudo. Como vimos, os grupos familiares de clivadas comportam-se de forma regular também quanto a esse quesito: de um lado, CLIV, É QUE e QUE focalizam, em grande medida, constituintes curtos, ao passo que PC e SER se especializam em pôr em foco constituintes médios e curtos. No entanto, quando cruzamos o grupo de fator “dimensão” com o grupo de fator “estatuto informacional”, percebemos a forte relação entre ambos, que se mostra de modo uniforme em todos os tipos de sentenças clivadas estudadas por nós, independentemente da “família” a que pertencem. Assim, percebemos que constituintes curtos tendem a veicular informação dada; constituintes médios e longos, por sua vez, focalizam informação nova. Portanto, nesse quesito, importa mais a relação

entre a dimensão e o estatuto informacional do que propriamente o tipo de sentença clivada que o falante opta por realizar.

Por fim, verificamos o tipo de contraste encontrado nas clivadas. Como vimos, as construções clivadas sempre suscitam, por sua própria natureza, uma noção de contraste; assim, seguindo o conceito de contraste elaborado por Taglicht (1984 apud BRAGA, 2009), classificamos os constituintes focais das clivadas em explícitos e implícitos e percebemos que, nos cinco tipos de clivadas que estudamos, em todos o contraste implícito se mostrou mais frequente. Ao cruzar os resultados obtidos pela observação desses resultados com o tipo de informação veiculado pelas clivadas, não foi possível inferir qualquer relação entre o tipo de contraste com o tipo de estatuto informacional. Dessa forma, em nossos dados, o grupo de fatores “contraste” não se mostrou relevante quanto à determinação da veiculação de informação entre os grupos das construções clivadas.

Portanto, por meio desta pesquisa, estabelecemos que o olhar sobre o estatuto informacional veiculado pelos constituintes focais das sentenças clivadas do português brasileiro é importante para identificar algumas motivações para o uso de determinada estrutura linguística que compõe a sentença clivada. Por exemplo, ao produzir-se um sujeito substantivo dado, tenderemos a realizar CLIV ou É QUE; se for novo, será preferido em um PC, sobretudo se, em vez de se realizar através de um SN, for um constituinte oracional. Além disso, vimos que o estatuto informacional pode condicionar o uso de constituintes mais curtos ou mais longos independentemente da construção que se vai realizar.

Apesar de termos nos aventurado ao tecer alguns comentários sobre as construções QUE e SER, a pouca ocorrência dessas sentenças em nosso córpus nos impediu de fazer afirmações categóricas quanto à sua ocorrência. Braga (1991) atesta que essas construções são mais abundantes em contextos informais de fala. Como na escrita jornalística temos, na maioria das vezes, uma enunciação mais formal, essas construções se tornam mais raras. Por essa razão, mais estudos sobre essas construções nos contextos escritos, em diferentes gêneros textuais, podem recolher maiores amostras dessas sentenças.

Além disso, a questão do estatuto informacional inferível foi pouco relevante em nossa pesquisa. Seria preciso, em estudos posteriores, debruçar-se mais sobre essa forma de veiculação da informação, a fim de entender, de fato, como ela se coloca diante da organização estrutural e informacional das sentenças clivadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. C.; RONCARATI, C. A multifuncionalidade da clivagem na fala e na escrita. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 21-52, 2007.

BARBOSA, J. Foco e Tópico: algumas questões terminológicas. Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Letras, 2005.

BRAGA, M. L. *As sentenças clivadas no português falado do Rio de Janeiro*. Relatório final apresentado ao CNPq, 1989. Mimeografado.

_____. As sentenças clivadas no português falado no Rio de Janeiro. *Organon*, Porto Alegre, v. 5, n. 18, p. 109-125, 1991.

_____. Os condicionamentos discursivos. In.: MOLLICA, M. C. (Org.) *Introdução à Sociolingüística Variacionista*. Cadernos Didáticos. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

_____. A dimensão dos constituintes no português do Brasil. *Revista Tempo brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 5-6, n. 117, p. 17-26, abr.-jun., 1994.

_____. A informação, seu fluxo e as construções clivadas. In: HEYE, J. (Org.). *Flores verbais*. Rio de Janeiro: 34, 1995.

_____. Fala, escrita e estratégias de focalização. In: CAMPOS, O. L. A. S. (Org.). *Descrição do português*: abordagens funcionalistas. Araraquara: FCL-Unesp, 1999.

_____. Construções clivadas no Português do Brasil sob uma abordagem funcionalista. *Matraga*, Rio de Janeiro, v.c16, n.c24, jan./jun. 2009.

BRAGA, M. L.; SILVA, G. M. O. Novas considerações a respeito de um velho tópico: a taxonomia novo/velho. *Série Estudos*, n. 10, p. 27-40, 1984.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. Rio de Janeiro, Lucerna, 2001.

BERLINCK, R. A. A ordem dos constituintes em uma perspectiva funcionalista. In: CAMPOS, O. L. A. S. (Org.). *Descrição do português*: abordagens funcionalistas. Araraquara: FCL-Unesp, 1999

CHAFE, W. Givenness, contrastiveness, definiteness, subject, topics and point of view In. LI, C. (Ed). *Subject and topic.* New York: Academic Press, 1976.

_____. *Discourse, consciousness and time*: the flow and displacement of conscious experience in speaking and writing. Chicago: The University o f Chicago Press, 1994.

CLARK, H.; HAVILAND, S. Comprehension and the given-new contract. In: FREEDIE, R. (Ed.). *Discourse production and comprehension*. Hillsdale: Lawrence, 1977.

CORRÊA, M. L. G. Heterogeneidade da escrita no ensino: das modalidades às relações intergenéricas. In: *Encontro de reflexão sobre a escrita* – o ensino de diferentes géneros textuais (título provisório). Aveiro: 2013.

CRYSTAL, D. *Prosodic systems and intonation in English*. Cambridge: The Cambridge University, 1969.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.

DANEŠ, F. Functional sentence perspective and the organization of the text. In: _____. (Org.). *Papers on functional sentence perspective*. Praga: Academia, 1974.

Tcheco-eslovaca de Ciências.

DECAT, M. B.N. Construções de tópico em português: uma abordagem diacrônica à luz do encaixamento do sistema pronominal. In: TARALLO, F. (Org.). *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Pontes, 1989.

DIK, Simon. *The theory of functional grammar*. Parte I. Dordrecht: Foris, 1989.

FILLMORE, C. The need for a frame semantics within linguistics. In: KARLGREN, H. (Ed.). *Statistical methods in linguistics*. Shockholm: Skriptor, 1977.

GRICE, H. P. Logic and Conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. L (Eds.). *Syntax and Semantics.* New York: Academic Press, 1975. v. 3.

GRIMES, Joseph E. *The thread of discourse*. The Hague: Mouton, 1975.

HALLIDAY, M. A. K. *Notes on transitivity and theme in English*. *Journal of Linguistics, v. 3,* p. 199-244, 1967.

_____ . *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English.* London: Longman, 1976.

ILARI, Rodolfo. *Perspectiva funcional da frase portuguesa.* 2. ed. Campinas: Unicamp, 1992.

JACKENDOFF, Ray. *Semantic interpretation in generative gramar*. Cambridge: MIT, 1972.

LAMBRECHT, Knud. *Information Structure and sentence form*: topic, focus and the mental representations of discourse referents. New York: Cambridge, 1994.

_____. A framework for the analysis of cleft constructions. *Linguistics*, University of Texas at Austin, 39, 3. 463-516, 2001.

LONGHIN, Sanderléia Roberta. *As construções clivadas*: uma abordagem diacrônica. Campinas: Unicamp, 1999. (Dissertação de Mestrado).

LONGHIN, Sanderléia Roberta; RODRIGUES, Angélica T. C. O estatuto teórico-metodológico do falado e do escrito para a pesquisa em mudança linguística. *Signo e Seña*, Buenos Aires, n. 23, p. 191-212, jun. 2013.

LONGHIN, Sanderléia Roberta; ILARI, Rodolfo. Uma leitura hallidayiana das sentenças clivadas do português. *Alfa*, São Paulo, n. 44, p. 193-213, 2000.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTINS, E. *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da língua portuguesa*: elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e usos do português atual. Lisboa: Caminho, 2003.

MODESTO, Marcelo. *As construções clivadas no PB*: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia. São Paulo: Usp, 1995. (Dissertação de Mestrado).

NASSER, J. A. *A estruturação da informação no português brasileiro*: um estudo em narrativas orais. São Paulo: Usp, 2009. (Dissertação de Mestrado).

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2001.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. 2. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 2001.

PERINI, M. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.

PEZZATI, E. G. Clivagem e construções similares*:* contraste, foco e ênfase. *Linguística*, Montevideo, v. 28, n. 1, p. 73-98, 2012.

PRINCE, Ellen. A comparison of WH-clefts and IT-clefts in discourse. *Language*, 54, p. 883-907, 1978.

_____. Toward a Taxonomy of Given New Information. In: Cole, P. (Ed.). *Radical Pragmatlcs*. New York: Academic Press, 1981.

STRAWSON, P. F. Identifying reference and truth values. In: STEINBERG, D.; JACOBOVITS, L. (Eds.). *Semantics*. Cambridge: Cambridge, 1974.